



GUIA:
PRÁTICAS EDUCATIVAS DA
ARTE DE OUVIR E CONTAR
HISTÓRIAS NO ÂMBITO DA
INTERCULTURALIDADE.



Por: Artur Andrade e Tâmara Bezerra

GUIA:
PRÁTICAS EDUCATIVAS DA
ARTE DE OUVIR E CONTAR
HISTÓRIAS NO ÂMBITO DA
INTERCULTURALIDADE.

Por: Artur Andrade e Tâmara Bezerra

Agosto 2024

Ler para desenvolver

A Associação para o Desenvolvimento dos Municípios do Ceará – APDMCE é uma instituição não governamental que há 37 anos vem trabalhando junto aos municípios com projetos e programas voltados a grupos historicamente vulneráveis: crianças e adolescentes, mulheres e idosos. Um dos diferenciais de nossa atuação é o enfoque na capacitação continuada de técnicas e técnicos municipais; gestoras e gestores, em paralelo ao trabalho direto com o público-alvo, estando presente no cotidiano dos municípios e buscando o diálogo constante.

Na área da infância e adolescência, temos a satisfação de trabalhar com diversos parceiros – Organismos internacionais, Ministério Público, municípios, dentre outros – em ações que contribuem efetivamente para a garantia dos direitos de crianças e adolescentes, auxiliando na elaboração e execução de políticas públicas. Ligando todas as iniciativas, há um componente que nos alegra e que leva as experiências ao patamar do intangível: a arte e a cultura. E é nessa linha que se insere o Projeto Eu Sou Cidadão - Amigos da leitura.

O Eu Sou Cidadão é um exemplo de experiência bem-sucedida, ao abordar temas relevantes - e nem sempre fáceis - de maneira lúdica e acessível, alcançando toda a família e podendo ser desenvolvido no ambiente escolar e doméstico. Some-se a isso todos os benefícios que a leitura traz, inclusive para a saúde mental, sobretudo em tempos de rapidez e fragmentação da atenção, fatores que levam à ansiedade.

Entregamos este guia com muita alegria, por meio dele o leitor terá o privilégio de conhecer a trajetória de uma iniciativa de valorização do patrimônio imaterial do Ceará, que recolheu histórias orais e nasceu inspirado em um dos livros publicados pelo Projeto Eu Sou Cidadão.

Para nós, só existe desenvolvimento com leitura! Leitura de mundo, leitura de contexto, leitura de si e dos outros, leitura da natureza e da realidade! Por isso, para desenvolver é preciso ler!

Boa leitura!

Tamara Machado

Presidenta

Associação para o Desenvolvimento dos Municípios - APDMCE

“Após ouvir tantos relatos, tantas memórias, alguns poderiam ficar anônimos, suas histórias poderiam perder-se com o tempo, porém, estão sendo dispersadas como uma florzinha que desprende do “pedúnculo” e viaja com o vento”. (Amigos da leitura de Orós)



Associação para o Desenvolvimento dos Municípios do Ceará – **APDMCE****Diretoria Executiva****Tamara Bezerra***Presidente***Sônia Bezerra***Vice-presidente***Ires Oliveira***1ª secretária***Rosa Almeida***2ª Secretária***Darcia Pinheiro***1ª Tesoureira***Livia Evangelista***2ª Tesoureira***Conselho Fiscal****Iáskara Silveira***1ª Conselheira***Giane Silveira***2ª Conselheira***Josefa Dionízio***3ª Conselheira***Suplência****Ana Maria Bezerra***1ª suplente***Samara Diógenes***2ª suplente***Anna Caroline Pereira***3ª Suplente***Conselho Deliberativo das Macroregiões****Isabel Cristina Lima Verde***Vice-presidente centro sul***Catiane Landim***Vice-presidente Cariri***Antônia Gonçalves***Vice-presidente litoral leste-Jaguaribe***Milena Damasceno***Vice-presidente litoral oeste***Suzana Câmara***Vice-presidente RMF***Manoela Pimenta***Vice-presidente Sertão Central***Fabíola Bezerra***Vice-presidente Sertão do Canindé***Luiza Aurélia Costa***Vice-presidente sertão dos Inhamuns***Design Gráfico****Rafael Limaverde***Ilustrações***Marisa Marques de Melo***Diagramação*

Palavras primeiras – Apresentação	7
Por que Interculturalidade?	9
Como erguer uma ponte entre literatura e interculturalidade?	9
Quais passos foram dados durante o caminhar?	10
Um caminho sempre dá em outro: os desdobramentos da experiência.....	11
Trilha inicial do caminho – Etapa conceitual	13
Literatura e interculturalidade: um caminho afetivo, ético e identitário.	14
Retrato falado da primeira trilha do caminho	27
Sobre a estrutura e o funcionamento do percurso formativo:.....	28
Sobre os aspectos metodológicos:	28
Segunda trilha do caminho – Mentoria para o Garimpo de Histórias	32
Assim nos contaram	36
Um fruto perfumado e paladares espetados	39
Botija de Ouro	43
Fragmentos Pequenas memórias	47
A Lenda dos nove sítios de Cedro	49
O estrondo da verdade	51
Hora errada...Ressureição!	53
O Caso da família Maromba e seu Papagaio	57
Dona Guta e a Cabra Zefa	61
A história de um martírio	65
Um milagre no Sertão Jaguaribano	67
Pequenas felicidades	71
Os encantamentos do Açude de Cipó	75
Duas histórias vividas	77
Era Lobisomem?	77
Quando meu avô era pequeno	79



Monte da Santa Cruz: A história de um milagre.....	81
Na calçada, ouvindo histórias.	85
Se não desse certo aqui... São Paulo	87
A Lenda do Futebol	89
O Sertão é vivo... Coração De Mãe	90
O Sertão é Vivo... A História da Casa Mãe	92
No Sertão Vivo: A Devoção de Dona Suzana	93
Histórias na Marcenaria.....	93
A misteriosa muda de Manjeriçã.....	97
O Cangaceiro que Fugiu da Morte	99
O caso do Pé de Pião	101
A garota misteriosa	103
O bodegueiro fofoqueiro	107
Memórias em rima	111
Antônio Conselheiro (Natan Feijão).....	111
Em 1830 (Sofia Feijão)	113
Vencendo a morte (Marcia Feijão.....	115
O mistério da Burrinha	117
O comprador de chuva	121
Botijas consentidas em sonho	125
Valentia não é bom.....	129
Referências Bibliográficas:	130

PALAVRAS PRIMEIRAS – APRESENTAÇÃO

“Na Vila 16, cada morada tem uma cor e uma história, assim como os ipês que são o início de tudo”.

Chegança: o lugar de apresentar a Você este Guia. Um percurso repleto de passos, e escrito a partir de muitos corações que se envolveram e dedicaram horas e horas em ouvir, escrever, transcrever, transcriar, reescrever e, novamente, ouvir e contar histórias, em um ciclo sem fim, porque as histórias movem e comovem o Mundo.

Seu nascedouro foi a partir de uma iniciativa do Projeto Eu Sou Cidadão - Amigos da Leitura desenvolvido pela Associação para o Desenvolvimento dos Municípios do Ceará - APDMCE. Aqui o leitor irá percorrer o caminho traçado por um grupo de educadores em uma experiência de formação que teve como principal objetivo valorizar as histórias orais presentes na memória e na cultura de diversas regiões cearenses.

No âmbito da interculturalidade, este documento compartilha a trajetória de uma formação organizada para quem deseja escutar, ouvir para recolher, e recontar histórias, a partir de uma metodologia que tem toda uma trajetória de respeito e reconhecimento aos textos partilhados por narradores naturais. Neste Guia, o leitor encontra o escopo teórico-metodológico dos encontros que compuseram uma trilha de formação, e dos recursos utilizados na segunda parte do caminho, realizada por meio de mentoria que orienta pesquisa de textos orais.

O projeto, intitulado Um lugar cheio de histórias, foi inspirado na obra Vila 16, da autora cearense Tâmara Bezerra, publicado em 2016 pelas Edições Demócrito Rocha, enquanto iniciativa da APDMCE. Trata-se de um conto-moldura que conta com diversas histórias de tradição oral em seu enredo, recolhidas pela própria autora. Todas foram generosamente partilhadas por narradores naturais que ela



encontrou pelos caminhos, em barcos, à beira-mar, em açudes, sobre as pedras dos rios, em comunidades tradicionais, cozinhas, calçadas, alpendres, terreiros, e durante debulhas de feijão, nas diversas regiões do estado do Ceará.

A narrativa apresenta traços da cultura cearense a partir da sua oralidade, contemplando fauna, flora, relevos, festejos, personagens emblemáticos e mitológicos, e vários outros elementos naturais e culturais. As histórias contadas pela personagem Dona Madalena vão da urbanidade à zona rural, do sertão ao litoral, da mata à caatinga, passando pelas serras, também ouvidas de vozes ribeirinhas, indígenas e quilombolas; todas elas livres de qualquer apelo didático, seus recursos mais potentes são o encantamento, a fruição e o deleite, a partir de um forte traço identitário.

O Ceará é um dos estados da Federação Brasileira conhecido, principalmente, por conta do potencial turístico devido à beleza do seu litoral, religiosidade popular, e fama de ser grande berço de talentos do humor, porém, a cultura do Ceará “profundo” tem muitos outros aspectos que se pode identificar como despercebidos.

O oitavo estado mais populoso do país conta com um grande número de municípios, 184 no seu total, distribuídos em macrorregiões, cada uma delas com suas singularidades e seus próprios códigos culturais. A perspectiva da proposta, inspirada nesse lugar multicultural, é aqui partilhada neste guia a partir do desejo da APDMCE e dos formadores convidados em favorecer a inclusão da temática da Interculturalidade no repertório de trabalhos de formação de educadores que contam histórias. Compreende-se ser uma reflexão extremamente pertinente a este tipo de ação educativa.

Focado em promover, principalmente, diálogos interculturais, confiante na capacidade empática e identitária das histórias contadas da boca ao ouvido, e no envolvimento de todos os atores sociais do projeto com a obra literária inspiradora, coordenadores e os jovens aqui identificados como “amigos da leitura”, a experiência educativa também contou com uma etapa do caminho que foi dedicada à

recolha, transcrição e transcrição das histórias encontradas, em que os educadores, responsáveis pela mediação do curso, orientaram individualmente cada um dos cursistas, e estes, na companhia dos “amigos da leitura”, foram ouvir para registrar, mas principalmente ouvir para valorizar.

Por que Interculturalidade?

Compreende-se que a interculturalidade tem lugar quando duas ou mais culturas entram em interação de uma forma equitativa e dialógica, favorecendo a integração e a convivência das pessoas de diferentes geografias, etnias e/ou culturas. Este tipo de relação implica conhecer, valorizar e ter respeito pela diversidade, portanto, reconhece-se que entrar em contato com elementos e códigos culturais do outro favorece o surgimento de diálogos interculturais.

O termo interculturalidade pode ser usado, por exemplo, de forma a indicar como a cultura flui e como ela faz para se fundir com outras culturas. Logo, essa pode ser vista como algo que está em constante mobilidade para alterar o meio no qual vivemos, seja pela fusão, adição de novos elementos ou mesmo subtração deles.

Como erguer uma ponte entre literatura e interculturalidade?

Considerando a potência do tema para a educação e o trabalho social no qual o projeto da APDMCE atua, a experiência de formação defendeu que, por meio do texto literário narrado oralmente, é possível entrar em contato com códigos culturais diferentes dos nossos. Apreciar paisagens, personagens, culinária, musicalidade, artes visuais, costumes, tradições, e a ambiência natural pertencentes a determinadas culturas, além de seus valores, favorece com que se possa ser conduzido até à ambiência narrada. Por meio de uma boa

história é possível “viajar” para conhecer o “lugar do outro” e o próprio lugar, tanto os campos geográficos e concretos quanto todo um vasto mundo subjetivo, individual e coletivo.

A lenda dos nove sítios de Cedro, texto recolhido neste trabalho, um conto etiológico, categoria em que são identificadas as narrativas literárias de origem popular que explicam a razão de existir algum aspecto, forma, propriedade, caráter e disposição de um ser, animal, vegetal ou mineral, e que, no caso dessa história, justifica o nome dado a um conjunto de localidades da região. Podemos reconhecer, a partir da própria vivência no *Projeto Um Lugar Cheio de Histórias*, que o contato com esse tipo de narrativa é capaz de promover essa experiência extremamente identitária.

Quais passos foram dados durante o caminhar?

Foram percorridas oitenta horas, divididas em duas etapas: a primeira, com encontros de formação, a segunda, com momentos de mentoria, singularizados para cada território; por fim, chegou-se à criação e edição deste Guia de práticas, em que a intercessão dos temas literatura e interculturalidade foi ampliada, com capacidade para favorecer a consulta dos coordenadores do projeto que atuam nos diversos municípios cearenses, como também inspirar outros projetos. Acredita-se que a experiência aqui partilhada tem potencial para se tornar referência no trabalho de educadores em geral.

Ao percorrer os caminhos da formação, durante toda a trajetória, a cada passo, os participantes puderam também realizar com os seus respectivos grupos. Foi uma estratégia formativa intencionalmente planejada para que os coordenadores já pudessem realizar atividades com os “amigos da leitura”, objetivando uma experiência capaz de provocar o movimento de ação-reflexão-ação, de maneira homóloga e participativa.

Foram dez temáticas interligadas e transversalizadas pelo conceito da interculturalidade, em um trajeto que partiu do contexto

de criação do livro que inspirou o percurso, seguindo para conhecer textos orais e suas identidades, trabalhos envolvendo memória e cultura, a ancestralidade das narrativas, a história da escrita, valorização da escuta do narrador, até chegar ao último passo da primeira trilha do caminho, em que foi proposta a metodologia para recolha de textos orais nos territórios.

Aqui o leitor poderá conhecer detalhadamente a segunda trilha do caminho, em que se partilha a mentoria organizada por meio de momentos dialógicos para planejamento de um “garimpo de histórias” a ser realizado pelo coordenador do projeto junto ao grupo de adolescentes, em especial atenção à singularidade de seus lugares.

Um caminho sempre dá em outro: os desdobramentos da experiência

Neste Guia, o leitor poderá se inspirar para traçar o próprio caminhar, caso este material seja capaz de comover e mover suas iniciativas. Enquanto guia, o principal objetivo desta publicação é favorecer um contínuo percurso de busca, preparo e partilha de narrativas orais, por meio de práticas educativas da arte de ouvir e contar histórias no âmbito da interculturalidade, para que, assim como em muitos contos, os envolvidos em caminhos semelhantes sejam “felizes para sempre”.

Reconhece-se que existe muito Ceará dentro do Ceará, divulgar somente as belezas das praias, o humor farto, e o estigma da seca reduz a ampla face multicultural dessa terra. A diversidade presente em todas as regiões merece que os responsáveis por um projeto social, que atua a partir da arte literária, possa ser contemplado com o tema da interculturalidade, principalmente, como fortalecimento da identidade cearense e valorização dessa cultura. Quem só menciona a pobreza dessa terra desconhece a riqueza da sua oralidade.

A partir do trabalho vivenciado, seus participantes tiveram a oportunidade de desdobrá-lo em muitas outras ações de valorização da cultura oral em cada território em que atuam. Inspirados na obra *Vila 16*, muitos municípios efetivaram o projeto de recolha de histórias de tradição oral, e de histórias orais temáticas, de narrativas memoriais e outras, com moradores de cada um desses lugares, promovendo recontos dessas narrativas, que poderão ser aqui apreciadas. O principal desejo de todos os que compuseram este trabalho é que essas histórias possam ganhar muitas outras vozes, e a possibilidade de serem (re)contadas em escolas, bibliotecas, teatros, centros culturais, pontos de cultura, calçadas, alpendres, feiras, terreiros e demais espaços sociais; assim como no pequeno trecho do livro *Vila 16* que inicia esta apresentação, onde é valorizada a singularidade de cada morada, com sua cor única, e inspirado nos ipês “que são o início de tudo”, este material poderá contribuir para as próximas floradas narrativas, com suas identidades diversas, pois como se diz no Ceará: um caminho sempre dá em outro.

Boa leitura, boa escuta, boa escrita e boa partilha!



TRILHA INICIAL DO CAMINHO – ETAPA CONCEITUAL

É no desenvolvimento de um projeto que envolve educação e arte que os mediadores irão refletir sobre sua atuação, sustentados nas teorias que os direcionaram e que vem sendo acessadas em seus momentos de formação. Para Paulo Freire, tanto quanto a educação, como a investigação que a ela serve, deverá constituir-se na comunicação, no sentir comum de uma realidade que não pode ser vista mecanicistamente compartimentada, simplesmente bem “comportada”, mas, na complexidade de seu permanente vir a ser (FREIRE, 2002, p. 118). Neste sentido, este Guia foi criado com o propósito de partilhar uma experiência de formação, principalmente, em busca de favorecer com que outros educadores, interessados nos temas deste trabalho, possam ser auxiliados no desenvolvimento de experiências semelhantes.

O principal desejo da APDMCE na criação desta publicação é o de democratizar uma ferramenta capaz de orientar e organizar as atividades e o planejamento de instituições e agentes sociais interessados nos trabalhos que envolvam cultura, memória, identidade, oralidade e literatura, no âmbito da interculturalidade. A principal intenção desta partilha é que estabeleçam, aqui inspirados, ligações entre os diversos saberes capazes de favorecer sua atuação, confiantes na força da palavra que imprime potência à complexidade, e favorecendo esse contínuo “vir a ser” estimulado pela educação freireana.

Com o objetivo de fornecer um suporte metodológico e didático, um Guia chega enquanto recurso que poderá auxiliar na elaboração de atividades, materiais diversos e múltiplas estratégias para o desenvolvimento sócio-cultural. Um guia de práticas dessa natureza é um instrumento que pode ser utilizado para apoiar a

atuação de mediadores e educadores em geral, contribuindo para o enriquecimento dos momentos de sua atuação, ampliando e dinamizando o repertório de sujeitos e grupos.

Os itens elaborados e comentados neste material podem subsidiar em especial as propostas que envolvam grupos com adolescentes e jovens, e foram elencados na perspectiva de melhorar a qualidade das atividades que possam vir a ser pensadas a partir de o que foi realizado no Projeto *Um Lugar Cheio de Histórias*, de forma a favorecer o diálogo e a participação, considerando uma educação integral e humanista, constituídos na comunicação como nos ensina a obra de Paulo Freire.

Literatura e interculturalidade: um caminho afetivo, ético e identitário.

A compreensão dos limites da prática educativa demanda indiscutivelmente a clareza política dos educadores com relação ao seu projeto. Demanda que o educador assuma a politicidade de sua prática. Não basta dizer que a educação é um ato político assim como não basta dizer que o ato político é também educativo. É preciso assumir realmente a politicidade da educação. Não posso reconhecer os limites da prática educativo-política em que me envolvo se não sei, se não estou claro em face de a favor de quem pratico. (FREIRE, 1995, p. 46).

As histórias, hoje encontradas em livros e em diversos suportes da escrita, nasceram na voz, e vem sendo contadas oralmente por sujeitos reconhecidos em suas comunidades como bons contadores de histórias. Pessoas que se apropriam dessas narrativas para contá-las a outras. Em tempos passados era uma ação mais recorrente,

aconteciam geralmente em rodas, à beira do fogo, em situações de trabalho coletivo, ou no aconchego das moradas. Foi dessa forma que, os valores, a cultura e a visão de mundo de muitos grupos étnicos e culturais, foram sendo apresentados às novas gerações, razão pela qual podemos considerar um equívoco achar que se trata de uma literatura presa no passado. As histórias “contadas de boca” permanecem vivas até os dias de hoje, em diversos contextos, partes do mundo e comunidades narrativas.

Assim como memórias e experiências pessoais muitas vezes se transformam em publicações, o contato íntimo com as narrativas orais é capaz de promover o caminho de volta, ou seja, apresentar, às gerações mais novas, o potencial da oralidade, confrontar a idéia de que o saber só pode ser acessado pela leitura e pela escrita. Cada vez mais testemunhamos que essa educação por meio da narração oral de histórias vem sendo (re)considerada, e textos oralizados (re) conhecidos enquanto fonte de saber, favoráveis ao conhecimento e ao potencial empático humano, além de inspirar novos e fecundos debates a respeito da capacidade que as histórias orais possuem de educar e enriquecer vínculos.

Afinal, quem conta um conto aumenta um ponto? Sabemos que não há uma só história que possa ser contada de uma única maneira, trata-se de uma expressão constantemente resignificada por sujeitos, espaços e tempos. A experiência enquanto ouvintes, desde a infância, mostra-nos que de algum modo os contextos narrativos são alterados a cada sujeito que ouve ou conta, ou a cada momento de partilha oral. Desse modo, pode-se dizer que continua a ser a mesma história? Recontar e reinventar histórias aguça a percepção de um mundo feito de múltiplos pontos de vista, diverso e complexo. Por sua constante mobilidade, as histórias orais vêm (re)constituindo-se como forte recurso para campos e processos que favorecem a palavra.

“Cada história era diferente da outra, e quem ouvisse recebia a missão de repassar para os outros que fossem vindo e se aproximando do mundo”. (Jairo de Brito)

A afirmativa filosófica e poética de Seu Jairo de Brito, contador de histórias de Várzea Alegre, revela o quanto essas narrativas são compreendidas enquanto elemento vincular e intergeracional.

“Eu sempre dizia essas histórias ao povo. Eles gostavam tanto que respondiam:

— Muito bem Jairo de Brito!

Eu lembrava toda vez:

— Meu povo, isso aqui é tudo mandado por Deus, esse “anúncio” que eu conto é pra gente saber que Deus existe. Ele existe nos mais velhos que sabem de histórias. Vocês acham que é ou não?”

Também, Seu Jairo de Brito, no relato acima, revela o quanto se identifica enquanto contador de histórias legitimado por sua comunidade, reconhecendo a força da oralidade quando chama de “anúncio” aquilo que narra, e enfatiza o compromisso de recontar para as próximas gerações “para os outros que fossem vindo e se aproximando do mundo”.

Em espaços educativos, essas histórias ampliam a criatividade, a autonomia e a cidadania, contribuindo com importantes conteúdos de formação humana. Pode-se considerar o universo das histórias orais como um espaço significativo para trabalhos educativos com grupos, dado o potencial identitário e afetivo das narrativas, sejam elas cotidianas, literárias ou memoriais.

Os textos orais são repletos de marcas culturais, além de inspirar conversas e abrir oportunidades de diálogo. Por essa dialogicidade, o universo da partilha e escuta de histórias tem ocupado múltiplos

campos de atuação, estudos e processos investigativos. Por meio da narração oral de uma história, emergem muitos assuntos relacionados às condutas humanas, à pluralidade cultural, aos costumes, aos valores, às relações interpessoais, e muitos outros temas. Dessa forma, cada vez mais a narrativa oral é utilizada em espaços de mediação de grupos, e, por conseguinte, vem demandando questões éticas e pedagógicas, como evidenciar o escopo conceitual que sustenta práticas tal qual estamos aqui fazendo, por exemplo.

Iluminados pelos pressupostos teórico-metodológicos da mediação intercultural, e considerando as histórias orais como espaços identitários de comunicação e vínculo, toda a caminhada da formação com os participantes foi elaborada em busca de alcançar os objetivos traçados pelo Projeto *Um Lugar Cheio de Histórias*: incentivar a atuação dos coordenadores e dos “amigos da leitura” a realizarem uma jornada de escuta e recolha de narrativas orais presentes na memória de moradores de cada um dos diversos municípios envolvidos.

Pautada em fundamentos teóricos que justificam um trabalho de educação para a cidadania, a partir da intenção de contribuir com reflexões sobre cultura, memória, identidade, oralidade e literatura, no âmbito da interculturalidade, a trilha formativa apresentou conteúdos conceituais e procedimentais com intenção de ampliar o repertório desses coordenadores, favorecendo a compreensão de recursos importantes para o desenvolvimento de um trabalho dessa natureza, com foco na participação dos adolescentes.

Segundo Paulo Freire (2002, p.56), qualquer discussão sobre educação é de natureza política e qualquer processo educativo é opressivo ou libertador. Essa reflexão justificou nossa busca por fundamentar, junto aos coordenadores do projeto, as possíveis dinâmicas de participação desses adolescentes, de forma que favorecesse um processo democrático de participação, incentivando a autonomia deles, e abordando o seu compromisso ético no encontro

com os narradores naturais, de forma que compreendessem a importância de ouvi-los com presença de escuta, e assim construíssem sentido para a recolha de histórias presentes na cultura de sua comunidade. A intenção foi obter, como possível resposta desses jovens, o interesse e valorização da cultura oral de suas comunidades.

Reconhecendo que a narração oral de histórias é uma expressão humana composta por múltiplas linguagens sensoriais, que envolve sonoridade de palavras, expressividade gestual e múltiplas competências empáticas e relacionais, planejamos os encontros de forma que os adultos, coordenadores dessas jornadas de busca e registros de textos, pudessem conhecer de forma mais refinada um trabalho com cultura de oralidade para se sentirem seguros na condução do processo e, principalmente, fossem capazes de mergulhar nesse universo tão empático e identitário também para eles.

Cada encontro dessa trilha de formação foi planejado de modo que a atuação em campo fizesse sentido para todos os envolvidos, inclusive os narradores naturais que, ao serem solicitados, também pudessem atribuir sentido a partilha de histórias que fariam. Durante todo o tempo de formação, os participantes foram orientados e incentivados a questionar, de forma que fossem construindo todo o campo argumentativo. Discutimos que a abordagem aos narradores merecia especial atenção, que deixassem clara a intenção do grupo, e que uma escuta respeitosa, plena e atenta às palavras e expressões dos narradores naturais, sua poética, e seus gestos, sem julgamento ou interferência, seria uma forma de retribuir a generosidade da partilha das histórias a serem recolhidas.

Quem assistiu a audição de uma estória, entre pescadores numa praia ou sertanejos numa fazenda, poderá medir o grau de solidariedade coletiva com o desenvolvimento do assunto. O interesse se expressa pela participação crítica e apreciação espontânea da matéria moral: gratidão, ingratidão, inveja, calúnia,

traição, mentira. Ouvia-se uma sugestão para o castigo do vilão, a crítica impiedosa às moças cuja vaidade as fez malvadas (CASCUDO, 2012, p.34).

Garimpamos o trecho acima na obra de Luís da Câmara Cascudo, estudioso da cultura popular brasileira, um dos principais pesquisadores da Literatura Oral, termo cunhado por ele mesmo. Suas palavras nos remete à cena de uma roda de histórias, onde pessoas de diversas idades, contextos comunitários, origens étnicas, letradas ou não, reúnem-se por meio da experiência coletiva da escuta, interagindo entre si e com o contexto narrado, em meio a paisagens de territórios narrativos de uma sociedade que possui forte componente de oralidade na constituição de sua história cultural.

Esses textos são narrados em voz alta por um contador de histórias a um grupo ou mesmo a um único ouvinte. O movimento sonoro dessa narração é uma prática universal existente desde o princípio dos tempos no seio de famílias, de grupos e de comunidades. Trata-se de uma atividade social por natureza, uma tradição que marca a história humana. Contar e ouvir histórias permanece um costume comum, mesmo que sem a assiduidade e a recorrência da ancestralidade, mesmo que em alguns contextos da atualidade, essa prática narrativa tenha se tornado desprovida de um lugar de importância e/ou valor.

Sobre esses momentos narrativos tradicionais, a arte-educadora brasileira Regina Machado (2015) argumenta que “antigamente, a fogueira, o fogão a lenha, o lampião aceso na porta da casa ou as velas, reuniam as pessoas em torno do aconchego da semiescuridão. Momento propício para o descanso depois do trabalho, para se vaguear pelas sombras e mistérios da noite, à vontade, deixando as palavras soltas passeando à toa pelos causos, pelos assombros, pelas perguntas sem resposta, pelos fatos engraçados, pelas dificuldades da vida” (p.58).

O fato de haver se diluído nas brumas da existência e de, ao mesmo tempo, seduzir ouvintes de forma tão potente na atualidade, principalmente quando imersos em ambientes de escuta, aponta uma série de reflexões a respeito do lugar dessas narrativas literárias orais, enquanto um potente elemento de convivência, vínculo, educação e valorização patrimonial, já que outro aspecto relevante da partilha dessas narrativas é o fato de contribuírem para a difusão de um importante conteúdo imaterial, conteúdo esse que se propaga por meio de escutas e de recontos, dando continuidade ao percurso milenar presente em diversos espaços de ontem, de hoje e de sempre.

A tradição de contar histórias, ao mesmo tempo em que seduz e alimenta toda uma camada de imaginação, também é capaz de apresentar elementos e matrizes identitárias, bem como de revelar conteúdos da memória e da imaginação. Além dos aspectos de entretenimento, esse encantamento, conduzido pela voz de um narrador, é também uma rica forma de acesso ao conhecimento e à cultura e, ainda, de favorecimento de relações intergeracionais, por exemplo.

A compreensão desse elemento humano de transmissão, tão vivo e cinético quanto a própria humanidade, favorece o entendimento de que a mobilidade histórica de homens e de narrativas é responsável por boa parte da ampliação e da disseminação da cultura e do conhecimento. Contar e ouvir também se mostra como um movimento sobrevivente das adversidades e das mudanças sócio-históricas, já que ultrapassou barreiras linguísticas, características culturais diferenciadas e conflitos de diversas naturezas; inclusive aqueles apontados como emergentes de contextos multiculturais.

Sobre essa mobilidade das histórias, Amandou Hampaté Bâ (2010), filósofo malinês e mestre da tradição oral africana, conta que “O Africano da savana costumava viajar muito. O resultado era a troca e circulação de conhecimentos. É por esse motivo que a memória histórica coletiva, na África, raramente se limita a um único território.” (p. 202). Essa afirmação do mestre fortalece o entendimento de uma real

possibilidade de que essa troca e essa circulação de conhecimentos, por meio das histórias, são capazes de reconhecer a Literatura Oral como um elemento favorável aos trabalhos socioeducativos no âmbito da Educação Intercultural, justificando a nossa escolha de tema para o Projeto *Um Lugar Cheio de Histórias*, partilhada aqui neste guia, com a clara intenção de contribuir com iniciativas semelhantes.

“O que acontece quando alguém conta uma história, que efeito é esse que une as pessoas numa experiência singular?” (MACHADO, 2015, p. 39). A partir da questão feita pela educadora e contadora de histórias, em que reafirma a capacidade que as narrativas orais possuem de aproximar pessoas, podemos identificar essa aproximação também como uma possível oportunidade de reunir gerações e contextos culturais, ao fim do processo, ao apreciar as histórias que o leitor encontrará no capítulo derradeiro desta publicação, todos entraremos em contato com elementos culturais de diversas regiões do estado do Ceará, gentilmente partilhadas por narradores naturais identificados em cada município que se aventurou nessa jornada de ouvir para registrar e (re)contar.

Por essa razão, elegemos a narração oral de histórias como o elemento dialógico capaz de promover essa interação empática entre diversos municípios reunidos em um só projeto, “cada um com o seu jeito” como enfatiza a personagem Dona Madalena ao contar suas histórias no livro que nos inspirou, ou seja, reconhecemos esse universo como capaz de contribuir com muitos outros diálogos interculturais.

Vale ressaltar que o conceito de educação apontado aqui neste Guia não se restringe às partilhas de conhecimento em processos formais de ensino, nem muito menos associa conhecimento exclusivamente aos conteúdos conceituais. Nessa perspectiva, retoma-se a reflexão a respeito do lugar da palavra encantada das narrativas literárias presentes em contextos educativos diante de sua capacidade de estabelecer vínculos, de valorizar culturas e de preservar identidades.

A esse respeito, Paulo Freire (2002, p. 78) enfatiza que: “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão”. Quando o autor afirma que a constituição do homem é feita pela palavra, nos faz lembrar que esse homem é produtor e transmissor de um vasto e milenar acervo de textos orais, o que torna a literatura um espaço dialógico e vincular. Ancorado no que ouviu para recontar, o ser humano alimenta a cadeia da transmissão, desde os povos ancestrais até os dias de hoje e, dessa forma, compõe o seu grande acervo de literatura oral.

Como um recurso de preservação, após o advento da escrita, os textos orais foram paulatinamente passando da oralidade para o recurso do impresso e, hoje, ocupa um lugar quase exclusivo de sua partilha social. Acumuladas durante séculos, muitas vezes sem identificação direta de sua autoria, as histórias da tradição oral, os relatos de experiência, as narrativas biográficas, as histórias orais temáticas são apresentadas a partir da memória de quem as presentifica. Assim, elas seguem atravessando cronologias e geografias.

O ato de narrar vem alimentando um movimento cultural que, há milênios, garante a preservação e a valorização de identidades culturais. A esse respeito, Regina Machado (2015) afirma que “os contos variam infinitamente mas os fios são os mesmos. A ciência popular vai dispondos diferentemente. E são incontáveis e com a ilusão da originalidade. O conto tanto mais tradicional, conhecido e querido numa região, mais universal é em seus elementos constitutivos” (p.187).

A mobilidade das histórias e seus contextos, sua singularização ao narrador e ao ambiente que a partilha se deu, principalmente, por meio das vozes dos mais velhos, sujeitos que, ao longo dos tempos, socializam com as gerações mais novas todo esse acervo literário da tradição oral, vem garantindo o acesso ao patrimônio e ao legado cultural. Sabemos que ouvir é uma forma significativa de participação nos movimentos de preservação patrimonial.

As mudanças geográficas e cronológicas atravessadas pela humanidade acabam por acrescentar ou suprimir determinados aspectos. Podemos observar, no recorrente fenômeno, o fato de essas narrativas ganharem personagens típicos da região onde a história é contada; são elementos que vão surgindo ao longo das transmissões. Vale ressaltar que essas mudanças surgem de modo espontâneo, destituídas de qualquer compromisso autoral ou com a cultura formal e letrada.

A esse respeito, Regina Machado (2015) afirma que “(...) essa infinita repetição e variedade, essa substância unitária do todo, que ao mesmo tempo engloba o universal e o particular, fazem da experiência de contato com os contos tradicionais uma possibilidade de aprendizagem que vai muito além dos objetivos usualmente listados nos planejamentos escolares” (p. 46). Assim, compreende-se que um texto oriundo da tradição oral é detentor de riquezas expressivas, compostas por vocabulário, paisagens, códigos culturais específicos e muitos outros elementos, que ganham influência do narrador e dos contextos em que são narrados, sendo capazes de promover novas aprendizagens, tanto para quem ouve como para quem conta.

Reconhecemos como certo afirmar que a invenção e a difusão da escrita contribuíram para a preservação de parte desse acervo da tradição oral desde os remotos registros das narrativas do Antigo Egito e da Mesopotâmia, até os textos dos contos de fadas apreciados na atualidade e recolhidos de fontes orais. Porém, o que buscamos com esse processo de ouvir narradores naturais em diversos municípios do estado do Ceará e registrar suas partilhas, mais especificamente, foi valorizar o lugar da oralidade, mediante o seu potencial como promotor de diálogo e vínculo.

Ao transpor essa reflexão para o âmbito de um projeto socioeducativo e de valorização cultural, chegamos ao lugar de presença do narrador oral, seja ele profissional, natural ou atuante em situações

do cotidiano. A identificação do contador de histórias, a partir de um lugar de presença, é encontrada na obra de Regina Machado, e também no ensaio de Walter Benjamin (2015) sobre o narrador, quando este afirma que “a narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesão – no campo, no mar e na cidade –, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso” (p. 205).

Essa argumentação tão poética e banhada de imagem, nos conduz à reflexão sobre as histórias que apresentam singularidades de determinados lugares e/ou culturas, conseqüentemente, são ilustradas em nossa imaginação com marcas identitárias de um povo ou território. O narrador natural, por exemplo, não é o artista profissional que conta em palcos e faz da arte de narrar o seu ofício; ou mesmo alguém que faz uso de histórias como instrumento de mediação no seu cotidiano laboral ou familiar, como é o caso de professores, educadores sociais ou psicólogos, por exemplo, esse narrador natural é o sujeito que aprendeu pelo costume, foi na tradição que se constituiu enquanto narrador, e até os dias atuais é tomado como referência por narradores artistas que atuam na urbanidade e também por quem narra no cotidiano.

No instrumento de pesquisa produzido após a mentoria, a coordenadora Francisca Lindoneide Souza registra, após a recolha do texto *O comprador de chuva*, partilhado por Dona Núbia Duarte, narradora de Reriutaba, sua impressão pessoal a respeito da experiência vivida:

“E esta foi uma das várias histórias que ouvi de Dona Núbia, enquanto nos deliciávamos com um café quentinho acompanhado por um delicioso pão feito por ela, que sabe fazer de um tudo. Pois,

ao perder a mãe aos dez anos de idade, teve que cuidar dos irmãos mais novos, onde se aperfeiçoou na arte de cuidar de casa, de ser mãe, cuidadora, artesã, cozinheira e tantas outras qualidades”.

O registro da pesquisadora tando aponta os aspectos empáticos da experiência de ouvir um narrador natural, a partir da vida da própria narradora, como também denota reconhecer o caráter de continuidade do movimento da narração oral, quando encerra seu registro afirmando: “Mas isso fica para uma outra história”.

Um narrador natural, como dona Núbia, aprendeu a contar histórias por observação e por prática, porém, muitas vezes, ele também é o familiar que conta à beira da cama ou da rede de crianças. O reconhecimento de um narrador tradicional nasce a partir de sua trajetória de vida, comumente ele é aquele sujeito que ouviu as histórias de seus antepassados, dos antigos moradores de um determinado território, foi ouvindo que aprendeu histórias e passou a contá-las, empregando na narrativa sua própria identidade enquanto sujeito singular e integrante de um coletivo.

Esse contador narra para e sobre ele mesmo, ele atua caracterizando as histórias que conta, empregando nelas marcas pessoais, familiares e de sua comunidade, fortalecendo, assim, os elementos da cultura a qual pertence, tal qual como o oleiro que deixa suas marcas no vaso, presente na analogia de Benjamin. Também como José Valter Ferreira, narrador da cidade de Fortim, que partilhou com os pesquisadores a história que envolve uma família da qual ele ouviu falar que viveu por lá, e acaba por refletir filosoficamente sobre história e memória: “As coisas são lembradas quando os mais velhos se aglomeram e lembram das histórias dessa família”.

Quando Câmara Cascudo afirma que nesse tipo de narrativa são encontrados traços identitários, tanto de comunidades locais como de matrizes tradicionais, podemos perceber que, por sua

gênese, eminentemente constituída no costume e na oralidade, o espaço da narração de histórias se dá, principalmente, por meio da observação/ação de um sujeito narrador que imprime sua marca pessoal ao (re)contar.

Diante da experiência, os participantes desse processo, cada um “da sua janela” percebeu que as histórias contadas em contextos naturais, em realidade, são universais, tendem a essa universalidade, possuem em sua essência um simbolismo e uma estrutura narrativa facilmente reconhecidos e admirados pela maioria das pessoas e em qualquer lugar do mundo, sejam elas adultas ou crianças, letradas ou não letradas.

Aqui trouxemos os principais autores que fundamentaram o percurso de formação, e iluminaram a atuação no processo de pesquisa realizado nas diversas cidades que integraram esse trabalho. Essa jornada nos permitiu testemunhar a transitoriedade das histórias e seu caminhar etéreo, sendo responsável por partilhas culturais universais e singulares, como as muitas encontradas durante as buscas geradas com o Projeto *Um Lugar cheio de Histórias*. Seus participantes, ao garimparem tantos tesouros, encontraram preciosas narrativas que revelaram traços singulares de determinados lugares, aqui partilhadas com muita alegria.

Ao fim deste Guia, o leitor irá encontrar “muito Ceará dentro do Ceará”, na experiência de conhecer tantas histórias e tantos narradores, nossos recolhedores/garimpeiros acabaram por constatar que, por meio dessa constante partilha de conhecimento, constitui-se a maior condição de unidade: a humanidade.

RETRATO FALADO DA PRIMEIRA TRILHA DO CAMINHO

O universo da narração oral de histórias comumente gera muito apreço e interesse nos espaços e ações envolvendo educação e cultura. A capacidade de imaginar e de projetar o que está sendo narrado, mesmo que desconhecido ou fabular, o encantamento provocado por uma história interessante e bem contada, são comportamentos inerentes à existência humana, desse modo, não seria diferente em uma trilha de formação inspirada em um texto literário, como foi o caso da nossa.

Especialmente no caso trilha que gerou este Guia, em que o objeto de estudo foi o universo das narrativas no âmbito da interculturalidade, os dez encontros foram elaborados de forma a dar sentido e repertoriar os coordenadores que orientaram os jovens a realizar o processo, identificar narradores naturais no seu entorno familiar e comunitário, buscar uma forma de estabelecer contato para que fosse marcada a visita, ou visitas, ao ambiente escolhido por esse narrador e, por fim, coordenar a forma como deveriam organizar esses momentos para escuta e registro, a partir das orientações dadas na etapa da mentoria com recomendações individualizadas, identificadas neste documento como Segunda Trilha do Caminho.

Para que o leitor deste Guia possa conhecer as singularidades do processo formativo, consideramos fundamental apresentar algumas questões acerca da nossa estrutura de organização, bem como os objetivos e temas eleitos para cada encontro.

Sobre a estrutura e o funcionamento do percurso formativo:

Os encontros foram destinados aos cinquenta e oito municípios associados à APDMCE no ano de 2023. Para atender aos objetivos pedagógicos que a formação se propôs, os coordenadores do projeto Eu sou cidadão - Amigos da Leitura se comprometeram em participar das oitenta horas de formação, realizar as leituras sugeridas para um maior aprofundamento das temáticas que sustentaram teoricamente o trabalho, desenvolver junto aos “amigos da leitura” as atividades de dispersão propostas pela dupla de formadores, orientar e organizar o grupo para a realização da atividade de pesquisa.

Finalmente, foram encaminhadas aos formadores as narrativas recolhidas na etapa aqui chamada de Garimpo de histórias, de forma a serem transcritas pela dupla de formadores, por meio de um trabalho que envolveu o tratamento dos textos, gerando o *corpus* que compõe o derradeiro capítulo deste Guia. Nele, o leitor, além de conhecer o resultado da jornada aqui partilhada, poderá apreciar as histórias maravilhosas recolhidas pelos participantes. Algumas engraçadas, outras inusitadas e até assombradas, além de narrativas de vida, contos etnológicos, mitos e outras composições, em um conjunto de textos inéditos, identitários e reveladores da força da oralidade desse povo narrativo.

Sobre os aspectos metodológicos:

O processo de formação, aqui chamado de trilha formativa, foi desenvolvido através de dez encontros, sendo nove deles em caráter remoto, realizados em ambiente virtual de aprendizagem, em que os conteúdos foram disponibilizados de forma síncrona, e o último

encontro, de caráter presencial, realizado na cidade de Fortaleza durante dois dias contemplados com uma pauta formativa de doze horas.

Toda a atuação da primeira trilha formativa foi baseada numa concepção de ensino-aprendizagem que considera a importância do educador, no caso o coordenador do projeto, a se constituir enquanto profissional que permanentemente se reconhece aprendiz, responsável e autônomo. Assim, partimos da abordagem de aprendizagem por interação, em que cada integrante do grupo necessitou se apropriar das informações para contribuir com o diálogo coletivo e o processo como um todo.

Os conteúdos propostos em cada passo dessa trilha foram contextualizados ao tema gerador de cada encontro, e realizados por meio da interação com os dois educadores responsáveis pela formação, que intencionalmente buscaram a atuação de todos para maior riqueza no intercâmbio entre os participantes. Esse conjunto de ações foi planejado de forma que o processo de aquisição do conhecimento oportunizasse os participantes a falar sobre si e seu contexto, expor suas dúvidas, discordâncias e compartilhar suas experiências singulares no território em que desenvolvem seu trabalho.

Como parte da formação, os participantes se apropriaram de um repertório de leitura literária, através da partilha de textos infantis e adultos previamente indicados pelos formadores. O propósito foi o de que também pudessem realizar seu próprio encontro com a Literatura, especialmente com a narração oral, experiência necessária para a realização da etapa de pesquisa junto aos “amigos da Leitura”.

Organizar e realizar uma formação no contexto de um projeto socioeducativo não é uma tarefa tão simples, mas foi um rico desafio, já que nos convocou ao movimento de inventividade, criatividade e de alinhamento de intencionalidades, ou seja, foi um grande momento de aprendizado também para nós, os formadores.

Acreditamos que os encontros formativos coletivos são essenciais para favorecer diversos tipos de reflexões e autorreflexões, sempre com o intuito de potencializar a ação educativa. Para tanto, defendemos a importância da elaboração de uma pauta formativa para cada passo da trilha, de forma que fossem significativos para os participantes e capazes de proporcionar a (re)configuração de novas ações.

Pautados nessa defesa, para cada encontro, organizamos uma pauta formativa e, nela, estruturamos singularmente esses momentos junto aos coordenadores. Essas pautas foram organizadas através de recursos como: exposições dialogadas sobre os aspectos teóricos, estudos de literatura complementar, apreciação de filmes e escuta de histórias.

Com vistas a atender à proposta de formação que tem como cerne a homologia dos processos, as pautas formativas desenvolvidas, bem como os objetivos, conteúdos e atividades propostos, foram apresentados na perspectiva de servir como inspiração para a atuação com os adolescentes. Uma vez que este trabalho se reconhece como uma proposta de formação de formadores, ou seja, os coordenadores foram incentivados a reunir os adolescentes em seus municípios e realizar com os mesmos algumas das atividades vivenciadas.

Aqui apresentamos algumas sugestões de como a literatura pode se prestar como instrumento de formação, sem, contudo, destituir-se de suas propriedades mais importantes, isto é, manter o caráter estético e democrático, permitindo múltiplas interpretações por diferentes pessoas, incentivando o estabelecimento de relações entre o que se lê ou ouve, e as experiências pessoais e, ainda, incitando a uma relação prazerosa com as histórias que os livros guardam ou que são contadas da boca ao ouvido.

Cada etapa aqui compartilhada foi planejada com muito carinho, o nosso desejo é que o encantamento das histórias possa povoar o imaginário de todos os leitores deste Guia, que além de contribuir com outros processos de mediação intercultural e favorecer contextos intergeracionais, tem capacidade de fomentar excelentes oportunidades de convívio a partir do contato e da escuta desse maravilhoso universo. Essa experiência também poderá inspirar novos contadores de histórias, sejam eles narradores orais, escritores de textos autorais ou rescritos a partir de escutas. Acreditamos que todos esses movimentos da palavra encantada das histórias valorizam a cultura de oralidade, as relações de pertença e os diálogos interculturais.



Querido leitor, estamos disponibilizando ao lado o QR Code de acesso às pautas formativas, textos e atividades que compuseram os dez passos da primeira trilha do caminho. Nossa intenção é inspirar a continuidade do caminho.



SEGUNDA TRILHA DO CAMINHO – MENTORIA PARA O GARIMPO DE HISTÓRIAS

Depois de percorrermos os dez encontros da primeira trilha de formação em que refletimos sobre a cultura de oralidade e seus narradores naturais, nesta segunda etapa do Projeto *Um Lugar Cheio de Histórias*, orientamos a busca por narrativas orais junto aos moradores de diversos municípios do estado do Ceará, ao que chamamos de “Garimpo de histórias”.

Para subsidiar o trabalho em campo de coordenadores e “amigos da leitura” foi organizado um calendário para atendimento individualizado, realizado por meio de uma mentoria em espaço virtual, em que cada participante teve a oportunidade de receber orientação e tirar dúvidas a respeito da pesquisa em seus territórios de atuação.

Nossa intenção, além de repertoriar o trabalho do Projeto Eu sou cidadão - Amigos da Leitura, foi promover movimentos de escuta, recolha e registro de contos de tradição oral e outros textos presentes na memória de pessoas, e/ou narrativas, atualmente, compartilhadas em diversos locais do estado. Nesse universo, certamente surgem histórias fabulosas, narrativas de vida, mitos, lendas urbanas e rurais, histórias de amor, terror e variados temas. Seu Antonio Ribeiro de Souza, da comunidade Lagoa do Mato em Barroquinha, revelou aos pesquisadores que lembra haver escutado histórias de Lobisomem: “... do meu avô, faz alguns anos...”

Ao responder uma das perguntas do questionário que norteou a pesquisa, o mesmo Seu Antonio confirmou os lugares locais de escuta dessas narrativas, ainda hoje presentes no cotidiano do seu contexto comunitário.

“Em que lugar da sua comunidade você acha que as pessoas mais escutam histórias?

Nas calçadas de casa, casas de farinhas e na roça”.

Para sustentar teoricamente a nossa proposta, nos apoiaremos na obra: *Tecnologia Social da Memória: para comunidades, movimentos sociais e instituições registrarem suas histórias*¹. Um trabalho desenvolvido pelo Museu da Pessoa e Fundação Banco do Brasil. Trata-se de uma abordagem criada para auxiliar grupos, organizações e comunidades a realizarem projetos de memória, apropriando-se e socializando suas histórias por meio da valorização de experiências e saberes das pessoas. Cinco adolescentes de Fortaleza, coordenados pela professora Iris Machado, recolherem uma narrativa autobiográfica sobre uma experiência vivida por outro adolescente, o texto pode ser lido ao final deste Guia.

A criação literária também bebe na fonte das lembranças e das experiências pessoais. As passagens engraçadas, as singularidades das pessoas, as recordações e saudades de um tempo vivido há muito tempo, de um lugar, de alguém, todos esses campos memoriais podem se tornar história, romance, conto, poema, prosa, verso e, o melhor, dar continuidade à memória cultural de um povo ou lugar.

“Saímos de calçada em calçada ouvindo as experiências e causos. Nunca é apenas uma história. História puxa história, caso puxa caso e assim a magia acontece. Revivemos memórias e a imaginação viaja em todos os lugares contados, em todas as experiências vividas, histórias de resiliência e resistência. Cada família, uma história, que é refeita pela lembrança, pela memória”.

1 A publicação do Museu da Pessoa é socialmente disponibilizada em: http://www.museuda-pessoa.net/public/editor/livro_tecnologia_social_da_memoria.pdf

O trecho acima revela a perspectiva metalinguística, onde um grupo de estudantes do 6º ano da Escola Isaías Cândido Rodrigues, na Vila Guassusê, município de Orós, narrou a própria experiência de escuta durante o seu processo de pesquisa, ampliando assim os campos narrativos desse projeto, e nos provando que a linguagem literária é, de fato, plurisignificativa. Mesmo diante do vasto campo etiológico que circunda o grande açude, que inclusive foi contexto de criação e campo de pesquisa para o livro *Vila 16*, o relato de experiência do grupo de adolescentes oroenses, intitulado *Os Narradores Naturais de Guassussê – Algumas Histórias*, foi selecionado pelos formadores para representar as narrativas recolhidas no município, por haverem identificado que, certamente, contribuirá com as reflexões do leitor deste Guia, que intencionalmente busca valorizar a palavra e toda a sua forma de expressividade.

Assim, pensamos em atividades que pudessem ser partilhadas nas escolas e eventos literários promovidos nos espaços do entorno, com a participação de diversos sujeitos. Essas narrativas podem ser compiladas e gerar muito trabalho autoral. A seguir, partilhamos o instrumento de pesquisa criado especialmente para o trabalho de campo.

Que tal reunir uma coletânea de textos orais, transcritos, transcritos e disponibilizados em bibliotecas, redes sociais, *blog*, *podcast* e outras plataformas digitais? Que tal dar voz a essas histórias?



PROJETO VILA 16

UM LUGAR CHEIO DE HISTÓRIAS
Formadores: M. e. Artur de Andrade e
M. e. Tâmara Bezerra

Instrumento para garimpo de histórias

(a ser preenchido pelo Coordenador do Projeto)

Município: _____

Recolhedor(es): _____

Nome do coordenador do Projeto no município: _____

Qual a última história você lembra ter escutado? _____

Quem contou e há quanto tempo? _____

QUESTÕES RELATIVAS À AMBIÊNCIA NARRATIVA

Você conhece algum evento ou festejo na comunidade em que são contadas histórias?

Em que lugar da sua comunidade você acha que as pessoas mais escutam histórias?

QUESTÕES RELATIVAS AO CONTEXTO DE VIDA DO NARRADOR NATURAL

Local de escuta: _____

Nome do Narrador Natural: _____

Idade: _____ Ocupação: _____

Quantas pessoas moram em sua Casa? _____

_____ Crianças, _____ Adolescentes _____ Adultos de 18 a 35 anos,

_____ Adultos de 36 a 70 anos e _____ acima de 70 anos.

Assim nos contaram...



**ESSAS HISTÓRIAS FORAM
ENCONTRADAS**

**TAL QUAL ENCONTRAMOS
ASSIM NOS CONTARAM
ASSIM VOS CONTAMOS**

(QUADRINHA POPULAR)



UM FRUTO PERFUMADO E PALADARES ESPETADOS

(Cidade de Barbalha)



Esta é uma história que reúne uma iguaria culinária tipicamente cariense, as sobras de um jantar, e uma "leva" de meninos e meninas em uma escola. Pois bem, quem já visitou o Cariri cearense de novembro até meados de fevereiro, ao passar por qualquer rua ou vilarejo, vindo das panelas, sentirá um aroma identitário, por conta do cozimento de um fruto chamado Pequi. Para melhor contar essa história é necessário esclarecer que, em outros lugares, pequi é pronunciado como se lê, nas terras cariris, de sotaque carregado na pronuncia da letra "i", de boca em boca, o fruto é chamado de "piquei".

Quem nunca aproveitou a sobra de um jantar não sabe o que é ser viverdor. Esse é um conhecido costume, utilizar o que sobrou do dia anterior para saborear na próxima refeição "de sal". Nesta história, é exatamente o fato que se deu, o que muda é o resultado com um final surpreendente.

O fato narrado aqui ocorreu lá para as bandas da cidade de Barbalha. Acontecido há muito e muito tempo, corre solto de boca em boca, o dia de uma famigerada sopa. Foi em uma escola lotada de crianças, e através dos dotes culinários de uma cozinheira que atendia pelo apelido de Dona Coió. Ela costumava caprichar bastante quando fazia a comida, queria muito agradar o paladar exigente dos alunos, para tanto, costumava levar certas iguarias que não eram permitidas pelos protocolos da escola, porém, Dona Coió fazia "ouvido de mercador". Na cozinha dela quem mandava não era diretor, e sim a meninada apreciadora "do bom comer".

Dona Coió costumava meter para dentro do feijão uma cuia cheia do saboroso fruto de polpa amarela e cheiro marcante. Era certeza que os alunos da turma da noite adorariam! Afinal de contas, no Cariri, quem não gosta de “piqui” com certeza não é daqui. E naquele dito turno da noite, Dona Coió caprichou, o feijão “cozinhado” ganhou uma cama de arroz branquinho e, “abufelados”, viraram baião de dois. Ali, “acololoiados”, ficaram perfumados pelo afamado “piqui”, rolado e apreciado como ouro em todo o território conhecido como CRAJUBAR.

— “Muié”, toma cuidado, não vai jogar esse “piqui” ruído na vista do povo, cá isso é segredo nosso - recomendava Dona Coió à colega de cozinha, contente da satisfação do alunado roendo “piqui” e se “empanturrando” com o baião de dois. Era pura gulodice, sem deixar nenhum bocado, até “rapar” o prato, encher o “bucho” e “incensar” a sala com o cheiro forte do danado. “Piqui” é “bicho entregão”, todo mundo descobre quando o é “rolado” e tempera o feijão.

Ao final da noite, Dona Coió guardou um bocado do feijão, já imaginando que no outro dia, no seu próximo turno, a sobra seria parte do almoço com certeza. Terminado o serviço, ela e o povo todo foi pra casa satisfeito.

“Bucho cheio, mão lavada e pé na estrada”.

No dia seguinte, o mesmo alvoroço cotidiano de uma cozinha do Bodocó ou do Cariri, as funcionárias que trabalhavam no turno matutino da tal escola, com intuito de adiantar uma sopa, foram direto no feijão cozido, cuidadosamente guardado por Dona Coió. – “Vamos usar pra fazer a sopa da merenda” – decidiram animadas, e não pensaram duas vezes.

Os fatos a seguir parecem mais de uma história de pescador ou contador, inventada do mundo da imaginação, mas é história vivida, preste bastante atenção.

A moça encarregada de liquidificar o feijão para fazer a sopa, coitadinha, não escutava direito, também contam que o seu olfato

tinha algum defeito, já que jogou dentro do liquidificador, o bendito do feijão, e junto dele, os caroços de “piqui”, batendo tudo sem muita atenção. A barulheira sabe Deus por que ninguém escutou, imaginem que dentro do preparado estavam os caroços, rodando feito uns “danados”. Com a mistura no ponto, e entornada no caldeirão, finalmente ficou pronta a bendita sopa de feijão.

Quando chegou a hora da merenda, era menino e menina naquele empurra-empurra de prato na mão, aguardavam a tal sopa na maior animação. Só bastou a primeira turma começar a degustar, que um grito atrás do outro ecoou no ar:

— Minha língua tá espetada!

— A minha também!

— A minha tá em desgraça, me acuda professora, essa dor não passa!

Até que, do meio do pátio, alguém gritou:

— Suspende a sopa, algo aqui não tá bom. Seja mais esperto, trás um pinça, é espinho por certo.

A meninada no meio do pátio, todos com língua de fora, bem agoniados, pediam o auxílio das professora para puxarem os espinhos. As línguas ganharam uma camada de pontinhos afiados, estavam “lapiadas” e em brasa. A aula foi suspensa, a merenda encerrada, e as crianças aos gritos. O rebuliço foi grande, do porteiro, ao professor, da merendeira ao diretor. Línguas expostas e pinças a postos, os adultos se empenharam para dar conta dessa arrumação.

O final dessa história que revela línguas espinhadas, sufoco e muito trabalho, é preciso revelar, pra quem não é conhecedor de “piqui”, que o perfumado fruto amarelo guarda, em seu caroço, um verdadeiro ouriço, um ninho de espinhos.

Quando a coitada da moça, no meio da distração,
não percebeu o *plof, plof* que gerou a confusão,
fez uma sopa cheia de espinhos, em um grande caldeirão.

O tempo passou, tudo se acalmou, os meninos foram pra casa com a língua em brasa. Já Dona Coió só soube da história por volta do meio dia, quando foi procurar o feijão da sobra que havia guardado. Desde então, nunca mais ninguém se atreveu a liquidificar feijão sem antes prestar muita atenção. Até hoje essa história corre de boca em boca, sobre pequenas línguas espinhadas, gerando boas gargalhadas.



NOS RECANTOS DA MEMÓRIA,
FOI ENCONTRADA ESSA HISTÓRIA,
QUE CONTA DE UM FRUTO PERFUMADO
E PALADARES ESPETADOS.



BOTIJA DE OURO

(Cidade de Barroquinha)

Há muitos e muitos anos, espalhou-se a história de uma botija muito bem escondida na localidade da Lagoa do Mato. As botijas eram potes, geralmente feitos de barro, que antigamente as pessoas utilizavam para guardar preciosidades, era costume de quem tinha alguma quantidade de dinheiro ou algo valioso, fato bem raro nessa época, guardar nesses potes uma espécie de tesouro enterrando para ninguém encontrar, muitas vezes também continha prata, ouro ou outros itens de valor.

Essa história conta que, numa certa noite, um homem que morava na Lagoa do Mato teve um sonho muito estranho, fato que lhe deixou bem assustado de tão real que pareceu. Nesse sonho, uma voz dizia, com riqueza de detalhes, onde a tal botija se encontrava escondida. Ao contar o sonho para outras pessoas, o rapaz afirmava que a voz também dizia o que havia dentro da botija, contou que ela estava escondida no meio do bambuzal que ficava perto dos pés de pitomba, quase na beira da lagoa, porém, a voz também preveniu que ele só poderia pegar a botija pontualmente às dezoito horas do dia seguinte. Os mais idosos afirmam que essa é a exata hora em que as “visagens”, “malassombros” e tudo que é coisa ruim se solta no mundo.

No dia seguinte, ao acordar, o rapaz caminhou lentamente em direção ao bambuzal exatamente no horário indicado no sonho, levava consigo um facão no “cois” da bermuda, e olhos bem atentos para tudo o que viesse a surgir. Quando chegou ao local indicado, ao avistar aquelas várias fileiras de bambu, começou a cortá-los para tentar chegar no meio da plantação. A questão é que quanto mais ele chegava perto do centro do bambuzal, coisas feias e assustadoras apareciam para ele, bichos nunca vistos, visagens, barulhos estranhos, e um monte de “marmota” tentando atrapalhar sua tarefa, ele sentiu muito medo, eram realmente assustadoras, segundo o próprio,



as coisas mais feias desse mundo, que insistentemente tentavam espantá-lo, certamente com o objetivo de expulsá-lo de lá.

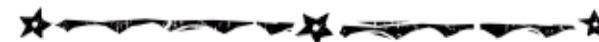
Apesar de tudo isso, o homem era teimoso e muito corajoso, seguiu cortando as fileiras de bambus, e ao chegar no cento passou a cavar. Cavou, cavou, cavou muito, e nada do tal tesouro aparecer. Só o que encontrou foi carvão, pedra, folha seca, mas ouro que era bom, nada! Quando já estava quase desistindo, exausto da tarefa e do enfrentamento, apareceu diante dele um bode enorme, um ser estranho com olhos de fogo, um bicho feio que dava medo. - Era o “capeta todinho” - afirmava o rapaz sempre que contava essa experiência para alguém.

Depois da aparição desse monstro, ele perdeu a vontade de achar a tal botija, e saiu assombrado mundo afora. Segundo ele, enquanto corria olhava para trás e o bode continuava parado, lá no meio do bambuzal com seus olhos de fogo que iluminavam a muita distância. Coitado, continuou pobre, e agora amedrontado.

O povo conta que quem por acaso desenterrar uma botija não poderá jamais tapar o buraco de volta, se o fizer morrerá rapidamente, e se outra pessoa desavisada for lá e tapar, é essa outra pessoa que morrerá. Seu Antônio Ribeiro, contador dessa história que vive na Lagoa do Mato, em Barroquinha, afirma de certeza, que se o rapaz tivesse desenterrado a botija, teria que ir embora dali, pois esse tipo de “visagem”, que protege os tesouros, atormentam a pessoa pela vida toda.



NOS RECANTOS DA MEMÓRIA
FOI ENCONTRADA ESSA HISTÓRIA,
SOBRE UMA BUSCA DE ENRIQUECIMENTO,
QUE ACABOU EM GRANDE TORMENTO.



FRAGMENTOS... PEQUENAS MEMÓRIAS

(Cidade de Boa Viagem)



Meu pai contava que quando ele era pequeno, morava em Macaira, distrito de Madalena. Quando ele tinha oito anos o pai dele, meu avô, conseguiu um emprego no DNER, aqui em Boa Viagem. Naquela época, as coisas eram muito difíceis, e meu avô não podia ir sempre para casa ver os filhos. Foi então que resolveu comprar um terreno para construir uma casa e trazer a família para perto dele.

Meu pai dizia que ficou encantado quando chegou aqui. O lugar parecia uma floresta, tinha árvores em todos os lugares. “Eu adorava correr na mata, caçar com meus irmãos, ouvir o cantar dos pássaros”. Era o que ouvia meu avô dizer quando perguntávamos o que mais ele gostava de fazer aqui. Ele contava que tinha o tradicional banho de rio, que era todo sábado. As crianças se juntavam e iam nadar e lá faziam a festa.

No começo, a localidade de Floresta não era um bairro, era interior, mas todo mundo chamava o lugar assim por conta das árvores.

Eu e minha mãe estávamos passando por um bairro onde ela morou, quando me retratou algo que havia vivido quando estudava. Contou que, quando chovia a casa na qual morava, alagava muito, e todo o lugar se enchia de água, não dava pra passar, então eles atravessavam de canoa, e quando minha mãe estava remando com os seus colegas, um dos remos caiu na água, eles tiveram que fazer muito esforço para chegar a escola. Nessa ocasião, eles perderam livros, chegaram encharcados, e sujos de lama.

Uma vez, os meus primos e meus padrinhos foram para um campo escondido de minha falecida avó. Eles jogaram até mais ou menos até oito horas da noite, e não voltaram por conta própria, minha avó foi buscar com um chicote e deu uma lição de moral.

Um dia, meu avô que morava no interior estava indo para Boa Viagem trazendo um cesto na garupa da moto. Ele contou que, do nada, no meio do caminho sentiu um peso nos ombros e, como não sabia o que era, se balançou para tirar aquilo de cima dele, quando olhou para trás, avistou um sapo gigante.



NOS RECANTOS DA MEMÓRIA
FORAM ENCONTRADOS FRAGMENTOS DE HISTÓRIA,
NARRATIVAS DE VIDA, LEMBRANÇAS
DE ADULTOS QUE RECORDAM A INFÂNCIA.



A LENDA DOS NOVE SÍTIOS DE CEDRO

(Cidade de Cedro)

É bonito de se ver que cultura popular e sua diversidade constituem um conjunto de saberes que devem ser preservados para a construção de um legado, um patrimônio para as gerações futuras. Em meio a uma variedade de histórias perpetuadas pela oralidade, a cidade de Cedro no Ceará relata a interessante lenda de uma vaca que deu origem aos nomes de nove dos seus sítios.

O povo da cidade conta que em uma determinada localidade do município havia uma vaca muito selvagem, e pelo fato de ser muito brava, deu origem ao nome do sítio VACA BRAVA. Um certo dia, a tal vaca brava fugiu e alguns vaqueiros da região reuniram-se com o objetivo capturá-la. A vaca fujona e brava acabou entrando em um local de mato fechado, foi daí se originou o sítio FECHADO.



Os homens, já cansados de tentar prender o animal, decidiram fazer uma gangorra para resgatar a vaca, o engenho foi um sucesso, e foi assim que surgiu o sítio GANGORRA. Finalmente capturada, e já viajando com o animal mata a fora, um dos vaqueiros, ao lhe observar, exclamou: que vaca bela e lisa! Assim surgiu o sítio BELISA.

O grupo prosseguiu viagem e, mais adiante, os homens resolveram dar de beber ao animal, ao alcançarem um pequeno açude encontraram muitos marrecos à beira d'água, daí então surgiu o sítio MARREAS. Logo ali próximo, os vaqueiros repararam que a vaca não parecia estar bem, depois de observá-la concluíram que uma cobra a havia picado, desse modo, o lugar ficou denominado de sítio COBRA.

Mais adiante, eles pararam embaixo de um juazeiro para descansarem, a sombra era generosa, a pausa inspirou o nome de mais um lugar, que foi batizado de sítio JUÁ. Surpreendentemente, apesar da mordedura, a vaca conseguiu ainda caminhar um pouco, morrendo mais adiante em um local que ficou denominado de sítio VACA MORTA.

Para finalizar a saga dessa vaca brava e fujona, agora morta, aconteceu que o proprietário dessas terras não permitiu que a carcaça do animal fosse deixada ali. Os vaqueiros então arrastaram-na para abandonar seus restos em um local mais distante, findando ali sua existência, não sem antes de os convidados chegarem para jantar, em um local que passou a ser chamado de sítio URUBU.

E assim, termina a saga de uma vaca selvagem que deu nome a nove localidades do município. Se por um acaso surgisse a necessidade de nominar um décimo lugar, certamente receberia o nome de BOA HISTÓRIA.

✧—————✧
NOS RECANTOS DA MEMÓRIA
FOI ENCONTRADA ESSA HISTÓRIA,
DE UMA VACA QUE NÃO QUERIA SOSSEGAR
E ACABOU DANDO NOME A MUITO LUGAR.
✧—————✧

O ESTRONDO DA VERDADE

(Cidade de Crateús)

Parecia um dia comum na localidade de Recreio, interior do município de Monsenhor Tabosa no Ceará, até que um estranho barulho acabou com a calma do lugar, a impressão que dava era que o som vinha das nuvens. Chico e sua esposa se assustaram tanto que quase desmaiaram, achando que havia chegado o fim do mundo.

Com o avançar do tempo, o barulho foi aumentando, e parecia estar cada vez mais perto, como se estivesse entrando na casa do casal. O relógio marcava quase quatro horas da tarde, quando Dona Maria Preta se desesperou e, com muito medo de morrer, tomou uma forte decisão: revelar ao Chico um grande segredo. Segredo esse que ela vinha guardando há meses.

Dona Maria Preta se aproximou do marido e, chorando muito, aos gritos, que concorriam com o barulho estranho, revelou o paradeiro do dinheiro que havia desaparecido da casa deles. Como ela era uma grande amante de joias, não se conteve ao encontrar uma quantia enorme de dinheiro que Chico havia recebido, e guardado embaixo do colchão. Maria pegou toda a quantia e usou na compra de valiosas peças de ouro. Pronto! Segredo revelado antes que o mundo chegasse ao fim.

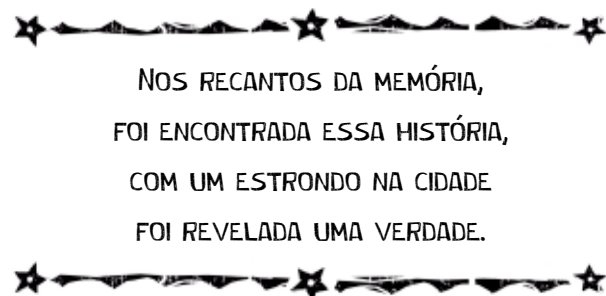
Chico, chocado com a revelação, ficou paralisado e triste, sentindo-se traído. Logo questionou: - “Foi você quem roubou o nosso dinheiro, Maria?”

Dona Maria Preta ficou muito desconfiada e nervosa, mas confirmou. Chico, com muita raiva, disse que estava guardando o dinheiro para reformar a fazenda e terem melhores condições de vida. Nesse momento, o barulho passou por cima da casa e foi sumindo, sumindo, até que desapareceu.

Depois de um tempo, alguém explicou que aquele barulho, que havia assustado a todos, nada mais era do que um avião teco-teco que sobrevoava a região e, finalmente, encontrou a rota perdida.



O medo de Dona Maria Preta a fez contar a verdade, ela estava arrependida e não queria morrer com tamanho peso na consciência. Depois do susto, Dona Maria vendeu todas as suas joias, devolveu o dinheiro da família para o mesmo lugar, e ainda em dobro. Chico a perdoou e, depois do ocorrido, ainda viveram muitos anos felizes na mesma fazenda. Era o ano de 1952. Hoje, vivem no céu!



NOS RECANTOS DA MEMÓRIA,
FOI ENCONTRADA ESSA HISTÓRIA,
COM UM ESTRONDO NA CIDADE
FOI REVELADA UMA VERDADE.



HORA ERRADA...RESSUREIÇÃO!

(Cidade de Fortaleza)

As narrativas orais revelam vidas, atividades, valores e sentimentos que podem nos ajudar a compreender o passado e o presente das populações – um verdadeiro legado!

Considerando essa afirmação, apresentamos aqui um curioso fato que aconteceu com um jovem adolescente chamado Júnior, morador do Rodolfo Teófilo – um bairro de Fortaleza, capital do Ceará. Como toda metrópole, a cidade é repleta de encantos, transtornos e desafios. E foi nesse cenário onde Júnior, no auge de sua adolescência e rebeldia, vivenciou uma situação inusitada.

Era um dia comum, e Júnior resolveu realizar o seu sonho e homenagear as pessoas mais amadas de sua vida: a mãe e a irmã. Naquele data, saiu de casa determinado a fazer uma tatuagem em homenagem às duas amadas. A mãe já tinha se posicionado contrária à ação – Coisa de desocupado! – Enfatizava ela, mas ele só pensava em surpreendê-las. Resolvido! Tatuou em seu pescoço um coração com o nome das duas.

Por volta da meia-noite, chegou em casa e se deparou com a mãe a sua espera. Quando ela viu a tatuagem, imediatamente indagou o motivo de ele ter feito aquilo, já que sabia que ela não gostava de tatuagens. A conversa ficou apimentada e acabou gerando uma discussão intensa. Júnior, irado e indignado com a situação, resolveu dar meia volta e sair com um amigo. Naquele momento, a mãe implorou três vezes para que ele não fosse, pois ela estava com um mau pressentimento. Coisas de mãe.

— Não vá meu filho, não vá meu filho, não vá meu filho.

Mesmo assim ele foi e, naquela madrugada, quando Júnior e seu amigo estavam caminhando por uma rua do bairro, próximo a um posto de saúde; foram abordados por dois homens armados que chegaram em uma moto. Subitamente, um deles disparou um tiro em Júnior.

Curiosamente, naquele mesmo instante, o mau pressentimento da mãe desapareceu. Júnior foi atingido nas costas, caiu no chão e o amigo o abandonou no local. O rapaz, apesar de baleado, ainda conseguiu gritar algumas vezes – Socorro!

Próximo ao local do incidente, morava um pastor. Naquele instante, o homem falou para o filho: - Eu acho que ouvi um pedido de socorro!

Saíram rapidamente em busca de onde vinha a súplica, encontraram Júnior sobre uma poça de sangue. Diante daquela cena, o religioso se aproximou do jovem e perguntou: - Você aceita Jesus?

Júnior, debilitado, respondeu sem muita convicção: – Aceito!

Em seguida, chamaram uma ambulância. Quando os socorristas chegaram, telefonaram para a mãe do rapaz, já que ele só poderia ser levado ao hospital com um acompanhante. Ao tomar conhecimento do ocorrido, a mãe do jovem se recusou a acompanhá-lo, afirmando em choque que ela havia pedido três vezes para que não saísse de casa. Um policial assumiu a responsabilidade e o acompanhou.

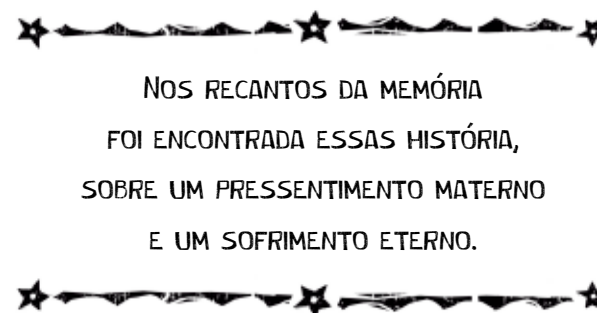
No caminho, Júnior teve três paradas cardíacas, tal qual a quantidade de súplicas de sua mãe, infelizmente chegou sem vida. Por volta de cinco horas da manhã, a irmã do jovem chegou desesperada ao hospital, perguntou às enfermeiras onde ele se encontrava. Elas responderam: — Desculpe-me moça, mas aqui não há nenhum fichário médico com esse nome.

Naquele exato momento, ela avistou o rapaz em uma maca no canto do corredor, dado como morto. Transtornada, começou a gritar:

— Júnior, Júnior, eu tô aqui irmão! Acorda...

Algum tempo após o ocorrido, inexplicavelmente Júnior já estava em casa. Ele revelou para a mãe que, antes de ouvir a voz da irmã gritando por seu nome no corredor do hospital, acordou em um quarto todo branco e, de lá, assistiu toda a trajetória de sua vida passar como um relâmpago – do nascimento até o dia do tiro. Logo após ouvir a voz da irmã, acordou ao seu lado.

Mesmo depois de dado como morto, Júnior voltou, mas aquele episódio, marcado por um misto de sentimentos, envolvendo misticismo e acontecimentos, foi a tragédia que o deixou cadeirante. Hoje é um homem adulto, casmurro e fechado para o mundo.



O CASO DA FAMÍLIA MAROMBA E SEU PAPAGAIO

(Cidade de Fortim)

No século XIX, vivia em um local chamado Campestre um casal que atendia pelos nomes de Raimundo Maromba e Dona Lulu, também a conheciam pelo apelido de Luluzão, pois era uma espécie de “paraíba masculina”.

Dizem os mais velhos que Luluzão muitas vezes colocava a panela no fogo, e numa só carreira ia comprar farinha no Fortim, chegando antes que a panela fervesse, tão rápido era a mulher. Nessa mesma época, apareceu um boi nas terras do Sr. Maromba, ele não sabia a quem pertencia, mas o animal acabou ficando por ali. Quatro anos se passaram, como estavam atravessando maus tempos, resolveram comê-lo.

Pouco depois, o dono apareceu na casa dos Maromba, sendo recebido na porta por um esperto papagaio do casal. O louro contou-lhe direitinho toda a história sem tirar, e nem acrescentar. Depois de confrontada e negar tudo, Dona Lulu deu uma surra no louro. Já o Sr. Raimundo Maromba quis justificar afirmando que o animal que havia aparecido em suas terras não era um boi, e sim um carneiro gigante, sendo que, devido à seca que castigava a região, ele matou o animal e alimentou sua família.

A questão é que o Sr. Raimundo não imaginava que o louro já havia mostrado o couro do boi esticado no quintal, e que o dono havia reconhecido que era mesmo do seu animal. Ficou o dito pelo não dito, e o dono do boi levou apenas o couro como recordação. Depois desse feito, a cada ano que passava o louro ficava mais inteligente, e



Raimundo Maromba passou a usar a sabedoria do bicho para atrair outros papagaios, que no final eram mortos para servir de comida na casa do casal. Até que o louro percebeu e, ao invés de atrair outras aves, passou a avisá-las para que fugissem.

Certo dia, muito irritado com o papagaio, o Sr. Maromba matou o pobrezinho com um só tiro de espingarda e ainda serviu a carne para a família. A questão é que, após a morte do louro, outros papagaios apareceram nas redondezas da residência do casal com o objetivo de vingar a morte do amigo.

Quando o Sr. Maromba e Dona Lulu viram o bando de pássaros ficaram muito assustados, ele pegou a mão da esposa e a puxou de volta pra casa. Os dois trancaram portas e janelas rapidamente, e depois de passadas algumas horas, o silêncio se instalou no ambiente. O Sr. Maromba decidiu sair para ver se já estava tudo calmo. Olhou para um lado, olhou para o outro, e vendo que não havia nada, suspirou aliviado, mas, ao se virar em direção à porta, teve uma surpresa ao avistar muitos papagaios em cima do telhado. Amedrontado, o homem decidiu ficar parado, tinha receio de que fosse atacado. Até que um deles começou a falar:

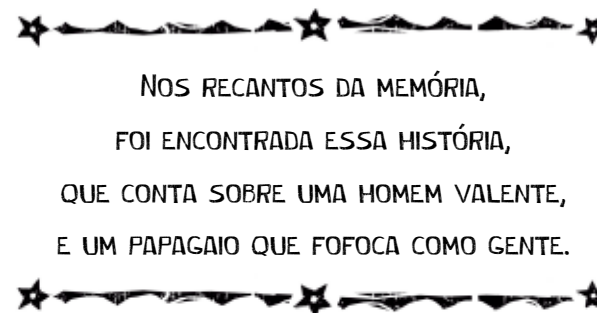
— Não gostamos da atitude que você e sua esposa tiveram, viemos aqui para vingar a morte do nosso companheiro louro.

O Sr. Maromba, achando a fala do bicho engraçada, começou a rir fazendo com que dois papagaios se irritassem ainda mais e voassem em sua direção. Desesperado com o ataque, o homem se ajoelhou no chão e implorou para que não fizesse nenhum mal a ele e sua esposa. Um dos papagaios decidiu fazer um acordo:

— Você e sua mulher irão embora daqui e os deixamos em paz.

Sem pensar duas vezes, o Sr. Maromba concordou e foi à procura da mulher para arrumarem as coisas. Partiram imediatamente para outro destino.

Fatos como esses fazem parte da história da comunidade de Campestre, os ouvintes dessas histórias passam de geração a geração, por essa razão ainda vivem na memória do povo. Os resquícios desta família ainda perduram na comunidade, o terreno onde viveram pertence à família Bile, lá existe uma lagoa conhecida como “Lagoa da Maramba”, certamente por conta da família e a sua história com os papagaios.





DONA GUTA E A CABRA ZEFA

(Mais uma história da cidade de Fortim)

Em um lugar muito lindo, próximo à foz do rio Jaguaribe na cidade de Fortim, morava dona Guta, uma senhora muito simpática, benzedeira, e que gostava de cuidar dos bichos e das pessoas. A todos ela dava amor, carinho e aconselhava nos momentos difíceis.

Em um dia de sol brilhante, dona Guta saiu para passear, e caminhando, caminhando, chegou perto do rio, sentou no capinzal e começou a recitar:



A BELA NATUREZA
QUE TANTO NOS DÁ,
O RIO E O SOL
HOJE VENHO SAUDAR!



De repente, ouviu um *beeéé*, bem fraquinho, vindo de uma moita de mangue. Dona Guta apurou o ouvido com atenção, levantou-se, esperou mais um tempinho e, como o barulho não se repetiu, caminhou até lá. Abriu uma vereda com a mão, abaixou-se e encontrou uma cabra muito quietinha, de tão doente que estava. Tinha uma orelha em pedaços e já não podia andar de tão fraquinha. Dona Guta falou com ela:

— Não se preocupe amiguinha, vou cuidar de você. E como tudo tem nome, vou lhe chamar Zefa.

Cabra Zefa imediatamente berrou no seu “caprinês”:

— Que bom, pois preciso ficar boa já que vou ter cabritinho.

Dona Guta pegou cabra Zefa no colo e a levou para casa. Chegando lá, lavou o ferimento com chá de aroeira e cuidadosamente aplicou pó de ameixa. Depois deu água, comida e colocou cabra Zefa em uma cama quentinha. A partir de então, todos os dias, ao raiar do sol, dona Guta cuidava da cabra Zefa, fazia o seu curativo, alimentava e dava carinho à sua nova amiguinha. Até que finalmente a cabra sarou e pariu um lindo cabritinho.

Agora dona Guta tinha uma nova tarefa, procurar o dono de Zefa e devolvê-la. Perguntou por toda a vizinhança quem havia perdido uma cabra. A notícia se espalhou pelo lugarejo e, dias depois, apareceu um homem na casa de Dona Guta, afirmando que uma de suas cabras havia se perdido do rebanho. Dona Guta contou como tinha encontrado a cabrinha, a situação em que se encontrava, e prontamente a devolveu. Cabra Zefa não queria ir, mas foi o jeito. Dona Guta a consolou:

— Vá amiguinha, chegou a hora de você voltar para sua vida, ainda mais agora que tem seu filhote para cuidar.

Cabra Zefa partiu com seu dono, acompanhada do filhotinho, mas todos os dias, quando ia pastar, parava em frente a casa de dona Guta e fazia: beeeé.

Todos olhavam, mas só dona Guta entendia o “caprinês”, e respondia com alegria:



A BELA NATUREZA
QUE TANTO NOS DÁ,
VOCÊ E SEU FILHOTE
HOJE VENHO SAUDAR

NOS RECANTOS DA MEMÓRIA,
FOI ENCONTRADA ESSA HISTÓRIA,
DE UMA CABRA CAPRICHOSA,
E UMA SENHORA MUITO BONDOSA.



A HISTÓRIA DE UM MARTÍRIO

(Cidade de Hidrolândia)

Maria Marta de Sousa, filha de uma família muito humilde e nascida na cidade de Hidrolândia, no Ceará, tinha estatura mediana, a pele morena e era dona de uma beleza singela. Mulher formosa, alegre, com cabelos pretos e encaracolados, casou-se ainda muito jovem com Júlio Vital da Penha, com quem teve três filhos e experimentou, com sua família, uma vida sofrida e com muitas necessidades.

Júlio era um homem ríspido e costumava ter atitudes grosseiras, principalmente com Maria Marta. Era viciado em bebida alcoólica e costumava empregar no vício todo o dinheiro que recebia por trabalhos esporádicos, já que não possuía emprego fixo.

Dada a necessidade da família, os vizinhos e amigos ajudavam bastante. Maria Marta costumava trabalhar nas casas das famílias mais abastadas e recebia alimentos para os filhos como pagamento.

Na noite de 24 de dezembro de 1955, após ter ouvido comentários maldosos de que estava sendo traído e de que o terceiro filho provavelmente não seria seu, Júlio chegou em casa furioso e, num rompante de raiva e ciúmes, assassinou Maria Marta com uma tora de pau, desferindo-lhe pancadas na cabeça.

Quando a população soube da experiência de sofrimento passada por Maria Marta passou a recontar essa triste história de feminicídio, e assim ela tornou-se uma mártir. As pessoas do lugar passaram a crer que podiam pedir a intercessão da mulher assassinada pelo marido em momentos difíceis, como desunião, dificuldades familiares, doenças, problemas financeiros e muitos outros. O número de pessoas que passaram a frequentar o local do assassinato foi aumentando cada vez mais. Assim foram surgindo rumores e depoimentos de pessoas que haviam conseguido alguma graça por sua intercessão.



Como agradecimento por uma graça alcançada, uma família mandou construir um pequeno espaço de oração no local onde Maria Marta foi assassinada, para lá passaram a serem levadas flores, velas, imagens de santos, e bilhetinhos, sempre em forma de agradecimentos. Como prova dos milagres, as pessoas beneficiadas deixam também “ex-votos”: fotos e miniaturas de alguma parte do corpo confeccionada em madeira, barro e outros materiais.

Em décadas passadas, a crença na interceção de Maria Marta era muito mais intensa, e mesmo em menor número, ainda hoje, diariamente, pode-se ver pessoas visitando o local para pedir ajuda ou agradecer, acendendo velas e rezando o terço, e também soltando fogos como forma de externar alegria e gratidão por alguma graça alcançada.



NOS RECANTOS DA MEMÓRIA,
FOI ENCONTRADA ESSA HISTÓRIA,
QUE CONTA SOBRE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER
E REVELA MOMENTOS DE SOFRIMENTO E DE FÉ.



UM MILAGRE NO SERTÃO JAGUARIBANO

(Cidade de Jaguaribe)

Há muitos e muitos anos, no Sertão atravessado pelo Vale do Jaguaribe, como era de costume naqueles tempos, uma menina chamada Lucinete, na época com nove anos, saiu de casa alegremente para pastorear as ovelhas da família que se alimentavam pelos arredores da propriedade. Era tempo de inverno, como é chamada a quadra chuvosa no Sertão, e todos constatavam se tratar de um inverno rigoroso.

No acontecido contado aqui, a menina não voltou antes de o sol se pôr, como fazia todos os dias. Logo, a preocupação tomou conta da família e de toda a vizinhança, pois além da escuridão e dos perigos da noite, as fortes chuvas ampliavam o temor de que algo ruim acontecesse com a criança. Justo naquela primeira noite do seu desaparecimento, uma grande tempestade caiu sobre a região, vários córregos e açudes transbordaram, o que acabou gerando uma enchente. A escuridão, o volume de água que insistia em aumentar, os animais noturnos, muitos raios e trovões, eram elementos que aumentavam as preocupações de todos.

O desaparecimento da criança se espalhou com a rapidez do vento, sensibilizando os moradores da região. Logo, uma comitiva foi organizada, e homens à cavalo partiram em sua procura mata a dentro. As buscas duraram a noite inteira, e os dias e noites seguintes também, a demora em encontrar a menina aumentava o receio de que ela não fosse encontrada com vida, e cada vez mais pessoas saíam à procura de Lucinete.

Um enorme clamor espalhou-se na região, toda a sua família, que era muito católica, rezava junta dia e noite para que a menina fosse

encontrada com vida, ou mesmo encontrasse o caminho de casa, já que era habituada a percorrer a região. Movida por muita fé, a mãe da criança fez uma promessa a São Francisco, afirmando que, tão logo a menina aparecesse com vida, a levaria à cidade de Canindé para assistir uma missa, como forma de agradecer pelo que todos reconheciam se tratar de um milagre, já que as condições eram de pouca probabilidade de a criança sobreviver.



No decorrer do sétimo dia, um velhinho da região, que também pastoreava suas ovelhas, ouviu a voz de uma criança brincando alegremente debaixo de um pé de juazeiro. Alvorçado, o homem correu para se certificar de que era a menina que todos estavam procurando. Grande e grata foi a sua surpresa ao constatar que era mesmo Lucinete, e que estava sã e salva. Rapidamente, a menina foi levada para casa e sua chegada comemorada com muita alegria, pois o aparecimento da criança também se espalhou com a rapidez do vento.

Logo nos primeiros dias após ser encontrada bem e brincando alegremente à sombra de uma árvore, fato quase impossível diante das inúmeras tempestades que sucederam dias e noites, a família de Lucinete a levou a Canindé, para pagar a promessa feita por sua mãe. Ao chegarem à cidade, assim que ficaram diante da imagem de São Francisco, a família observou a criança acenar e sorrir alegremente para a estátua, todos se perguntaram a razão do comportamento da menina, que parecia muito feliz diante da imagem do santo. Ao ser questionada, ela prontamente respondeu:

— Esse é o velhinho que cuidou de mim enquanto eu estava na mata, ele me alimentou com frutas, brincou comigo e me protegeu das tempestades. Eu tinha muito medo dos trovões.

A família de Lucinete, cheia de fé e gratidão, logo entendeu que um milagre havia acontecido. Sua mãe ficou muito emocionada ao saber que, durante todos aqueles dias na mata, sua filha esteve sob os cuidados e proteção do santo milagreiro.



NOS RECANTOS DA MEMÓRIA
FOI ENCONTRADA ESSA HISTÓRIA,
SOBRE UMA CRIANÇA PERDIDA,
E A FÉ QUE DÁ SENTIDO À VIDA.



PEQUENAS FELICIDADES

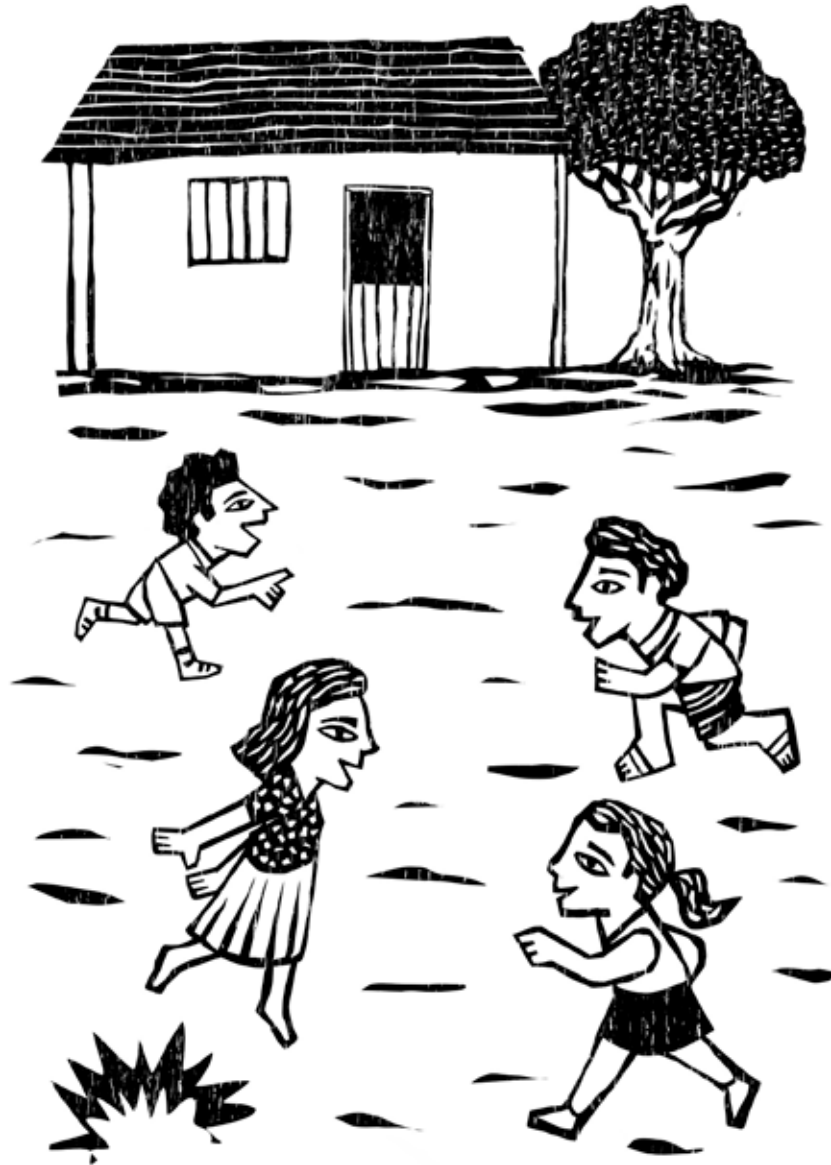
(Cidade de Jijoca de Jericoacoara)

Como se conhecesse o trecho do poema *A arte de ser feliz*, de Cecília Meireles, que fala das “pequenas felicidades certas”, ao invés de uma história com um percurso narrativo que chega a um desfecho, Dona Maria do Livramento, moradora de Jijoca de Jericoacoara, foi partilhando conosco “pequenas memórias”, desenovelando os acontecimentos que emergiam de suas lembranças, como se fossem palavras que acordavam, assim como no mesmo poema “é preciso aprender a olhar, para poder vê-las assim”.

“Havia uma casa na beira de um córrego, um chão muito limpo, as meninas zelavam do chão com muito amor, um terreiro muito grande. Aí quando era noite de lua, a mãe tirava aquele milho, cozinhava paneladas de milho e fazia pamonha, aí aquela comunidade de gente vinha pra nossa casa.”

“As senhoras todas idosas, vinham para conversar com a minha mãe e as jovens para brincarem no terreiro mais nós. Corriam umas atrás das outras, brincavam de pega-pega e de trisca, brincavam disso e daquilo, era uma animação.”

“Quando casava uma pessoa da família, fazia uma festa de casamento e a minha mãe era convidada, ia com as irmãs moças, mas as pequenas ficavam em casa. Quando tinha festa na Caiçara, que era onde tinha igreja, mamãe ia com as filhas moças e as pequenas ficavam em casa, e assim continuava a vida.”



“Quando minha mãe chegava, que todo mundo entrava em casa, ela sentava naquele terreiro emriba duma esteira e nós ficava tudo no chão sentada. Nesse tempo todo mundo era pobre, ninguém era rico como hoje. Mas se não fosse uma cadeira, era um tamborete, se não fosse um tucum, era uma esteira. Dormiam numa esteira no chão, deitava todo mundo no chão, essa era a vida.”

“Com o tempo, os filhos foram casando e indo embora, apenas eu fiquei com mamãe. Quando sai do poder da mãe, já tinha vinte e um anos. Foi quando passei para o poder de um homem, ele era ruim, e abandonou a família todinha e nunca deu nada, deixou no meio da estrada sem casa e sem nada, e então foi isso a vida.”

“Mas eu acreditei em Deus vivo e segui com a cabeça erguida, dentro já de setenta e nove anos que vai fazer agora, dia 2 de julho, se for viva. Setenta e nove anos e ele me deixou com trinta e três.”

“Depois desses trinta e três anos, apareceu vários casamentos, só que nunca quis nenhum, fiz um pacto com Deus quando morava com ele, de tanto sofrimento que me fez passar eu disse para Deus: - Senhor, se um dia me livrar dessa pessoa eu nunca mais ponho uma canga no meu pescoço. E nunca mais botei, e nem sou arrependida, porque das que botaram, as que se separaram ou viuvaram, que arrumaram marido, tudinha vivem só, igual a mim.”

Dona Maria do Livramento relata que acha bom morar sozinha, ela só deseja que “nunca adoecesse”. Seu único medo em morar sozinha é de adoecer e não ter por quem chamar. Mas afirma ser boa demais a sua vida, “moro na minha casinha, tenho meu feijão cozinhado”.



NOS RECANTOS DA MEMÓRIA
FORAM ENCONTRADAS PEQUENAS HISTÓRIAS,
FRAGMENTOS DO VIVIDO
CONTADOS AO PÉ DO OUVIDO.



OS ENCANTAMENTOS DO AÇUDE DE CIPÓ

(Cidade de Jucás)



A sabedoria popular reconhece os encantamentos de determinados lugares, causos e lendas muitas vezes são identificados a partir de um marco geográfico, como o que acontece em um açude que fica na comunidade de Cipó, interior do município de Jucás no Ceará e causos contados por Dona Cleonice de Oliveira.

Certa vez, há muito tempo, cinco moças de uma família que atendia pelo nome Formiga estavam tomando banho no açude. Ao nadarem para o meio do reservatório, ao mergulharem, encontraram uma grande pedra. Uma das jovens passou os pés sobre a pedra e revelou para as outras que era muito “cascorenta”, de repente a pedra começou a inchar, aumentando muitas vezes de tamanho, quando elas deram por conta já estavam no olho d’água, bem distantes do lugar onde haviam parado, foi quando perceberam que a pedra era encantada. Assustadas, deram no pé daquele lugar.

Em outra ocasião, um pescador também teve contato com a mesma pedra. Ele estava sentado sobre ela quando simplesmente percebeu que aquela enorme pedra havia sumido na água. Já em outra vez, uma canoa cheia de pessoas estava atravessando o açude quando, do nada, a embarcação afundou. Ao nadarem em busca da margem e saírem da água, todos que estavam embarcados ficaram muito surpresos ao perceberem que não estavam molhados, saíram do açude tão assustados que nunca mais voltaram lá.

De todas essas histórias que contam terem se passado no açude do Cipó, há uma sobre uma criança recém nascida que foi jogada nas águas. Quando as pessoas iam lavar roupa ou tomar banho por lá ouviam o choro sofrido da criança, até que um dia, alguém decidiu batizá-la já que era pagã. A partir desse dia, nunca mais ouviram o seu choro.

Com o passar dos anos, o açude secou e os encantos banhados por suas águas secaram junto e sumiram da boca do povo. Com as chuvas do último inverno, o açude voltou a encher e os casos encantados tornaram a aparecer.



NOS RECANTOS DA MEMÓRIA,
FOI ENCONTRADA ESSA HISTÓRIA,
DE MISTÉRIOS SURGIDOS EM VÁRIOS MOMENTOS
À BEIRA DE UM AÇUDE CHEIO DE ENCANTAMENTOS.



DUAS HISTÓRIAS VIVIDAS

(Cidade de Marco)

Era Lobisomem?

No início da década de 2000, minha família morava na zona rural, em uma casinha de taipa, na qual não havia vizinhança, somente outra casa distante.

Nesse tempo, meu bisavô contava muitas histórias de fantasmas, de almas, assombração, e muitas de lobisomem. Por eu ser criança, ficava assombrado com as histórias de lobisomem. Que, segundo ele, meu bisavô contava que o bicho era um homem que se transformava em lobo em noites de lua cheia, e saía à procura de vítimas para poder se alimentar do sangue delas, ou simplesmente matá-las.

Isso me contaram, mas essa história que irei contar, aconteceu comigo: a minha casa era simples, não tinha lugar apropriado para fazer nossas necessidades fisiológicas, então íamos para o quintal. Certa noite, eu e minha mãe fomos ao quintal, morrendo de medo, quando, de repente, apareceu uma porca enorme, no escuro, pareceu um bicho estranho, minha mãe gritou que era um lobisomem.

Na hora do susto, ao ver a “fera”, jogou uma pedra grande em direção à porca, que saiu gritando muito, pois havia ficado assustada. No outro dia, ao amanhecer, fomos passear na casa da minha tia, chegando em sua residência, ela relatou que uma porca sua havia quebrado a cabeça. Eu e minha mãe olhamos uma para outra e ficamos caladas. Dessa forma, até hoje, ela nunca soube que fomos nós que quebramos a cabeça da porca com a aparência de um lobisomem que nunca existiu.



Quando meu avô era pequeno

Meu avô contou que, quando ele era criança, não tinha nem tempo de estudar e nem de brincar, porque tinha que ajudar no sustento da família.

Ele tinha que trabalhar para criar os irmãos junto com a sua mãe. O trabalho dele era assim: saía de casa às quatro horas da manhã para amassar barro que seria usado para fazer tijolos. Depois do barro amassado, tinha de fazer mil tijolos por dia. O pior de tudo era que quando chegava em casa às onze horas e não tinha nada para comer, às vezes só havia um café que tomava no lugar do almoço, e voltava a trabalhar à tarde, assim era rotina. Outros dias já tinha o que comer, mas muitas vezes trabalhava com fome. Foi muito sofrimento mas, nem por isso, ele se tornou um homem mau.



NOS RECANTOS DA MEMÓRIA
FORAM ENCONTRADAS ESSAS HISTÓRIAS,
LEMBRANÇAS DO QUE FOI VIVIDO,
TEMPO ALEGRE E TEMPO SOFRIDO.



MONTE DA SANTA CRUZ: A HISTÓRIA DE UM MILAGRE

(Cidade de Nova Russas)

Nos confins do sertão do Ceará, no início da década de 70, e próximo a um morro, surgiu um povoado na Cidade de Nova Russas. Vistoso e imponente, o morro poderia ser avistado por todos das redondezas. Até hoje, em tempos de veraneio, a vegetação é cercada pelo ardor do sertão, mas depois, enche os olhos, pois logo a vista é coberta por um verde maravilhoso, que por conta das chuvas, transforma a paisagem sertaneja.

Aquele pequeno povoado chamado de Negros, que ficava nas proximidades da Lagoa de São Pedro, outrora conhecida por Lagoa Seca, foi beneficiado com a chegada de um pároco que atendia pelo nome de Maurício. O sacerdote costumava encorajar os moradores pela fé, principalmente por meio da devoção a São Pedro, o que posteriormente passou a ser o novo nome daquela localidade.

Certo dia, o padre deitou seu olhar sobre aquele monte peculiar e, após conversar com alguns dos moradores, ficou sabendo da existência de uma trilha que poderia levá-lo até o topo, e embora advertido sobre as dificuldades de acesso, decidiu se lançar no desafio de subir até o cume.

Depois da escalada, ao descer, Padre Maurício, com o coração cheio da esperança trazida pela fé, reuniu moradores e as lideranças daquela comunidade para apresentar o plano de construir um cruzeiro no cume do monte. Ao ouvir as palavras entusiasmadas do padre, todos animadamente acolheram a ideia da construção do cruzeiro.

No dia seguinte, reuniram-se para planejar como seria realizada a coleta dos materiais, e como se organizariam para levar tudo o que fosse necessário até o topo do morro, lembrando que naquele período não existia tecnologia e nem caminhos acessíveis para a tal subida.



Observando a impossibilidade de subir com caminhão, qualquer outro carro ou mesmo no lombo de algum animal, foi sugerido que os homens e as mulheres que se sentissem capazes subissem levando os materiais nas próprias costas. Foi assim que, movidos pela fé, aquelas pessoas iniciaram a jornada que os levaria ao topo do morro. A escalada foi dura, a cada passo eles enfrentaram novos desafios, o cansaço, a falta d'água e a fome eram alguns dentre os muitos imprevistos, lágrimas escorriam, corpos exaustos, pés doloridos, além dos arrepios provocados pelas ondas de vento que, ao mesmo tempo, traziam calma e certeza do amor de Deus. Nesses momentos mais duros, ninguém sabe de onde, surgia um murmúrio poderoso: Não desistam, não desistam!

Mesmo assustados com o que estavam ouvindo, eles continuaram subindo com a força da fé, e ao chegarem em certo ponto do morro, da rachadura em uma rocha, de repente jorrou água. Inicialmente, um fio tímido que foi se tornando abundante, até que se transformou em um olho d'água. O surgimento inesperado daquela fonte que brotou de dentro de uma pedra fez com que todos ficassem assustados, sendo atribuído ao momento um possível milagre. Muitos fizeram menção ao maná que Deus enviou ao povo no deserto, em busca da Terra Prometida.

A água que jorrava da rocha era límpida, inacreditável. Misteriosamente, após a construção do cruzeiro, o olho d'água simplesmente sumiu, voltando ao solo seco que havia antes, como se nunca houvesse brotado nada dali. As pessoas desceram e contaram aos que haviam ficado no povoado sobre o fato acontecido. Como o Padre Maurício e os moradores estavam decididos a concluírem o cruzeiro no monte, nada os desviaria de seu objetivo, nem mesmo o surgimento de um olho d'água no meio do nada.

Ao final da construção do Cruzeiro, nasceu ali um novo local abençoado e fonte de peregrinação, tanto pela Santa Cruz, quanto por São Pedro, santo padroeiro do distrito. Esse fato ecoa de boca em boca e reflete a fé dos moradores do lugar, chegando até Nova Russas,

e ganhando outras paragens. A história de uma cruz erguida no alto de um monte e o milagre testemunhado por muitos continua a ser contada e recontada, gerando outros atos de amor e de sacrifício, e por meio da valorização da história da peregrinação da Santa Cruz, tornou-se mais um lugar que traz esperança para o povo.



NOS RECANTOS DA MEMÓRIA
FOI ENCONTRADA ESSA HISTÓRIA,
QUE REÚNE FÉ, ESPERANÇA E DETERMINAÇÃO,
LEMBRANDO A FORÇA DO POVO DO SERTÃO.



NA CALÇADA, OUVINDO HISTÓRIAS.

(Cidade de Orós)



Na velha comunidade, que alguns moradores insistem em chamar de Nova Conceição, quando vai chegando a “boca da noite”, acontece um ritual: os velhos sentam nas calçadas para contar histórias aos mais novos, contam muita coisa, principalmente sobre como era a vida deles no passado. Agora, no inverno, o cenário é o mesmo, toda a família e até vizinhos reúnem-se ao redor de uma trouxa de feijão para debulhar, e assim as histórias fluem até a madrugada, como as águas de um rio.

Sáimos de calçada em calçada ouvindo as experiências e causos. Nunca é apenas uma história. História puxa história, caso puxa caso e assim a magia acontece. Revivemos memórias e a imaginação viajou por todos os lugares contados, por todas as experiências vividas, muitas histórias de resiliência e resistência. Cada família, uma história, que é refeita pela lembrança, pela memória. A maioria desses velhos vieram da antiga comunidade chamada Conceição do Buraco, o vilarejo submerso pelas águas do grande Orós.

Chegando à rua da Matriz, avistamos uma antiga moradora e seus vizinhos, todos sentados na calçada, reunidos pela debulha do feijão. Desde pequenos a conhecemos por “Dona Nega”, mas nunca soubemos verdadeiramente seu nome. Pedimos que nos contasse, e ela imediatamente informou que seu “nome de batismo” é Maria. Intrigados, perguntamos o porquê de a chamarem de “Nega”, afinal o nome Maria é sonoramente bem diferente. Ela revelou que esse apelido surgiu na infância, por volta dos sete anos, e quem colocou foi seu irmão Antônio, que tinha um carinho enorme por ela, tanto, que dizia: “Mamãe, vou pegar minha Neginha”, é assim que, até hoje, as pessoas a conhecem por Nega.

Dona Nega é uma das moradoras mais velhas daqui e esteve presente em quase todos os momentos históricos, desde o surgimento

da comunidade. Nessa visita, também testemunhamos que história puxa história, pois ela já foi nos contando de como era sua vida na infância. Contou-nos que viveu momentos difíceis, pois antigamente as crianças tinham medo dos pais e os obedeciam, não podiam sair de casa sem permissão. Assim, segundo relata, foi criada em uma vida sem liberdade, “sem poder sair de casa”.

Também contou que ajudava sua mãe a colher e a bater arroz, “antigamente não tinham as máquinas e os tratores que tem hoje, era necessário realizar tudo com a mão, plantar, colher e descascar os grãos, batendo em um tambor”. Também nos revelou que sempre fazia essas atividades com suas amigas, “todos os dias era uma roça diferente, além de cuidar do gado”.

— E vocês se divertiam? - Perguntamos curiosos.

— As brincadeiras eram bem diferentes das brincadeiras de hoje, brincávamos à noite, depois de um dia cansativo de trabalho. Íamos para a novena na igreja, e depois se juntavam turmas de crianças e brincavam correndo, se escondendo e também de “casamento civil”, brincadeiras que hoje praticamente não existem mais.

Ouvimos que a mãe da nossa narradora era rezadeira, uma prática ancestral em que mulheres benzem e rezam em crianças e adultos para que sejam curadas de algum tipo de infortúnio: “quebrante, dor de cabeça, espinhela caída, mau olhado, ventre virado, cobreiro e outras doenças”. A fé que as pessoas tem nessas mulheres, que também entendem dos remédios da natureza, ajuda nos processos de cura.

Até hoje, as rezadeiras utilizam vários recursos para acompanhar as orações: um copo na cabeça, um raminho de ervas, um pano de prato, um rolo de linha e agulha. Segundo Dona Nega, atentos a qualquer sintoma, as mães já levavam seus filhos para Dona Benvinda, sua mãe, certos de que ela os curaria. Para cada doença, um ritual, um recurso, uma reza...

A narrativa foi se ampliando quando ela contou que, em um certo dia, um menino da comunidade estava correndo e brincando

com os amigos na rua, quando caiu e machucou o braço, a mãe, muito fervorosa, tinha fé nas rezas de dona Benvinda, o acesso a médicos era bem mais difícil, imediatamente pegou a criança e a levou até a casa da rezadeira “sem pestanejar”.

Durante o relato, Dona Nega explicou que, para curar esse tipo machucado, a mãe dela utilizava um carretel de linha e uma agulha, passava a linha pelo buraco da agulha, ao mesmo tempo em que pronunciava as palavras da reza baixinho, fingindo costurar. O menino, quando a viu colocando a linha na agulha, acometeu-se de um grande medo, jurava que a velha senhora iria costurar o seu machucado, foi quando deu um grito, soltou-se dos braços da mãe e saiu correndo. A coitada não conseguiu trazê-lo de volta de jeito nenhum.

Após ouvir essas e tantas outras história foi ficando tarde, e já era altas horas da noite quando voltamos pra casa com vontade de regressar no outro dia e, continuar a escuta, exatamente de onde paramos.

Se não desse certo aqui... São Paulo

No outro dia, a tarde já caíra quando saímos em busca de mais histórias, ainda inebriados com as que Dona Nega nos contara. Seu Raimundo, um senhor de mais de oitenta anos, vinha da roça quando o encontramos. Mesmo com idade avançada, ainda é um homem ativo, planta seu feijão, e a cada safra colhe em quantidade para comer durante o ano. Ele é uma pessoa referente na comunidade devido às suas contribuições para a cultura do lugar.

Em torno da trouxa do feijão, nos sentamos na calçada. Já pegamos o tamborete, passamos a ponta do lençol por cima do banquinho e, com as mãos, começamos a debulhar. O velho senhor chamou seus netos para ajudarem e, quando percebemos, de repente, já se encontravam umas cinco ou seis pessoas. Um dos netos pediu para seu Raimundo contar uma história, ele prontamente atendeu.

Começou o relato contando que, desde jovem, sempre foi aventureiro, viajou o Brasil quase todo, andou da Amazônia às fazendas de café no Paraná, que buscava em suas viagens uma melhoria de vida. Se em determinado destino não dava certo, já procurava outro lugar. A maioria do nosso povo ia para o sudeste, para São Paulo, mais especificamente. Assim Seu Raimundo nos contou:

Há muito tempo, na década de 1950, as pessoas ainda moravam na antiga Conceição. Seu Raimundo colocou na cabeça que queria ir para São Paulo, pois já tinha alguns irmãos que moravam lá. Mas, as condições eram poucas e não existia a rapidez e conforto que possuem as viagens de hoje. Os passageiros iam de cidade em cidade, uma parte de trem, outra de pau de arara, só existia na região uma empresa de ônibus em Várzea Alegre, a Viação Bezerra. Não existia rodovia, as estradas eram carroçais, o fazia com que a viagem fosse ainda mais longa.

Mas, como viajar sem ter nenhum dinheiro? Sem condições? Contou-nos que, o único bem era uma novilha, “uma vaca que ainda é nova”. Só tinha uma solução, tentar vender a vaca para poder ter algum dinheiro e conseguir viajar. A ideia já estava fixa, mas a mãe não queria que ele fosse de jeito nenhum. Com muito sacrifício, conseguiu juntar uma quantia. A viagem demorava muitos dias, pegava-se o trem até Juazeiro do Norte e, de lá, esperava a viação para ir a São Paulo. A ânsia em mudar de vida não o deteve.

O dia aguardado chegou. Várias pessoas saíram de madrugada até o Alencar para pegar o trem que vinha de Fortaleza. Encontrou nessa caravana Nelson e sua família, um grande amigo que, também por conta das poucas oportunidades, iria arriscar a vida na cidade grande. Os dois desconheciam os desafios que encontrariam nessa jornada. Seu Raimundo levava 500 cruzeiros, dinheiro que conseguiu com a venda da vaca. Regrava com atenção, para que, pelo menos, a quantia pudesse ser suficiente até chegar a seu destino. Em casa, a mãe rezava com fé para que tudo desse certo.

Em Juazeiro ainda teria de esperar alguns dias para que a viação fosse lotada para a viagem, por sorte, nessa cidade morava sua tia Ana, que o acolheu durante o tempo de espera. Aguardou durante cinco dias, gastando o mínimo necessário.

Naquele tempo, não havia rodoviária no Brasil, as pessoas ficavam em um determinado ponto de referência. Aguardavam a passagem dos transportes na estrada, nas cidades maiores havia algumas pensões, casas em que os viajantes descansavam e se alimentavam durante os percursos. E assim foram os dois amigos. Arrumaram as malas de couro no bagageiro e por volta de um hora da tarde saíram de Juazeiro. Até São Paulo teriam que passar por Pernambuco, atravessar os estados da Bahia e de Minas Gerais, até chegarem ao seu destino. Durante esses dias, seu Raimundo comia apenas uma vez por dia. Chegaram em São Paulo depois de treze dias de viagem, “com muita dificuldade e arriscando a vida”.

E depois disso? O que aconteceu quando chegaram lá? - A pergunta surgiu quando já havíamos debulhado todo o feijão. Para nossa surpresa, Seu Raimundo afirmou:

— Conto o resto em outra oportunidade...

A Lenda do Futebol

Saindo da casa de Seu Raimundo, desci pela rua de baixo, encontrei Zé Quarenta sentado na sua calçada, na esquina da Rua Tiradentes. Zé Quarenta é uma das personalidades mais icônicas da comunidade. Foi responsável por formar os primeiros times de futebol de Nova Conceição.

Passamos em frente a sua casa e olhamos para dentro pela porta de cima. Uma estante repleta de troféus, mostra o reconhecimento dele para a cultura do esporte no lugar. Imaginei quantas histórias seu Zé teria, referentes aos jogos. Parei e perguntei:

— De onde surgiu a paixão pelo futebol?

Ele começa a contar. Foi assim...

“Eu nasci ali na rua José do Norte, antes era chamada de rua das Pedras, um local pedregoso e, por isso, recebeu esse nome. Na década de cinquenta, fomos morar no sítio Túnel, antes o povoado era lá. Depois foi que as pessoas chegaram da Conceição e começaram a formar a vila onde é hoje. Eu tinha uns seis anos de idade e brincávamos de bola, à tardinha.

Limpávamos uma capoeira – um espaço de terra – para poder brincar. Passávamos horas limpando e formando o campo, de forma manual mesmo, com ferramentas braçais, naquela época não tinha tratores. Marcávamos o campo e colocávamos as traves. A bola era feita de couro, eu passava um, dois dias costurando a bola. Todo mundo estranhava por que eu era criança e já fazia isso tudo.

Um certo dia, um rapaz da Paraíba estava por essas bandas e me viu fazendo um campo com meus amigos, ele perguntou minha idade, eu só dizia que tinha quarenta. Depois disso todos começaram a me chamar de Zé Quarenta, mas na verdade meu nome é José Enésio”.

Estático, fiquei surpreso. - Como assim, seu Zé Quarenta, chama-se José Enésio? Desde quando nos entendemos por gente todos o chamam Zé Quarenta.

“Durante minha vida, conheci muitas pessoas que gostam de futebol e treinei muitos times. Tecia as redes, construía os campos, confeccionava as bolas. As pessoas daqui, com isso, também começaram a gostar de jogar bola e até hoje existem vários times aqui na comunidade.

O Sertão é vivo... Coração De Mãe

Quando as famílias que moravam dentro do açude foram expulsas pelas águas, há mais de sessenta anos, muitos tiveram que

começar a vida do início. Na antiga localidade, todos tinham seu pedacinho de terra para viver, agora seriam forasteiros, retirantes de algum lugar. Mas, para onde ir? Peregrinariam sem rumo como o povo do deserto? O que movia a comunidade era a religiosidade popular, a fé numa pequena imagem da Imaculada Conceição. Onde ela escolhesse, o povo acompanharia e obedeceria.

Algumas famílias dispersaram-se em territórios adjacentes, outros resistiram e ainda tentaram ficar em suas terras. No momento em que a água invadiu, não tiveram para onde fugir ou se abrigar.

Uma das histórias mais marcantes da comunidade se passa nesse tempo, quando o povo buscava um novo lar. Uma das retirantes era a família de dona Maria dos Anjos, com seus dez filhos, que, não tendo para onde ir, foi acolhida por seu Josino Barros que, à época, morava no sítio Aroeiras. Ouvi essa história no alpendre da Casa Mãe, Thiago Barros, bisneto de seu Josino, narrou.

O sítio Aroeiras já era um povoado quando aconteceu a enchente na antiga Conceição, residia ali algumas famílias e sempre foram muito acolhedores. Situava-se em um lugar estratégico, entre a cidade e as vazantes de Lima Campos e Pedregulho, então os trabalhadores sempre paravam lá para descansar e tomar água. Um lugar preparado para acolher “desde o raiar do dia até a aparição da primeira estrela da noite”.

Seu Josino, então, acolheu a família de dona Maria em sua residência. Dividiu a casa ao meio para que as famílias pudessem residir ali, até que encontrassem um lugar para morar. Todos os dias dona Maria cozinhava um tacho de feijão para que sua grande família pudesse se alimentar. Passaram quase um ano na casa de seu Josino. Os descendentes, até hoje, são gratos à essa família pelo que fizeram por eles no momento mais doloroso de suas vidas.

O Sertão é Vivo... A História da Casa Mãe

A Casa Mãe foi uma das primeiras casas construídas no Sítio Aroeiras. Foi feita por Dona Suzana e seu Zezinho Paraibano, que foi retirante da Paraíba na década de trinta, por causa da seca e da falta de alimento. Então ele veio para cá e conheceu Dona Suzana, ao decorrer dos anos, eles se casaram e tiveram dez filhos.

Sendo a primeira casa da região a ser construída de tijolos, data de 1952. Durante todos esses anos ela sempre esteve de portas abertas. A estrada de terra, que naquela época ligava Palestina a Orós, passava em frente à casa, que sempre acolheu pessoas que por ali passavam, oferecendo água, sombra e alimento. Hoje, com o passar do tempo, a estrada mudou de lugar, mas a casa não. É por esse motivo que ela costuma juntar mais gente do que antigamente, com atividades que são realizadas lá, acumulando pessoas boas para, voluntariamente, ofertarem oficinas de arte, capacitações, rodas de conversas, agricultura, saúde comunitária e tantas outras formas de aprendizagens.

Atualmente, um dos grandes movimentos acontece no dia seis de janeiro: é o encontro de guardadores de experiências das chuvas e sementes tradicionais. Sabemos que as sementes utilizadas por esses agricultores como: melancia, jerimum, gergelim, feijão e milho estão se perdendo diante do mercado de produção de transgênicos, que mudam totalmente a qualidade dos produtos tradicionais cultuados por nossos pais e avós. Então, esses guardiães de sementes originais, que chamamos de sementes crioulas, levam à Casa Mãe para partilharem com as outras pessoas que participam do evento e, assim, elas se propagarem em outras comunidades. Também compartilham suas observações sobre as experiências da natureza, como ações de insetos que podem interferir na plantação e a frequência das chuvas.

Há mais de vinte anos, esses encontros são realizados na Casa Mãe e neles são apresentadas diferentes opiniões, experiências dos guardadores de saberes sobre o inverno. Similarmente, encontros como esses são organizados em outras regiões do Ceará, o mais famoso deles acontece em Quixadá, recebendo o nome de Encontro dos Profetas das Chuvas.

No Sertão Vivo: A Devoção de Dona Suzana

Dona Suzana, desde sempre, foi muito devota de Nossa Senhora e de São José. Sua devoção era tão grande que, ao adentrar a casa, a parede principal era repleta de quadros com imagens desses santos. Houve um tempo em que um surto de doenças começou a afetar os moradores da região, e como a medicina naquela época não era muito acessível, ela apegava-se aos santos de devoção e rezava todo dia pedindo intercessão para que fossem protegidos e não pegassem nenhuma doença.

Todos os dias surgiam relatos dos vizinhos que alguém estaria doente, mais um motivo para que a nobre senhora aumentasse suas orações. Sabe-se que somente sua família não foi atingida, provavelmente devido a sua fé, que foi repassada para os descendentes e que todos os anos celebram os trinta e um dias do mês março em honra a São José.

Histórias na Marcenaria...

Quanta história tem este povo! Por quantas dificuldades passaram e quanta bagagem trazem de suas experiências. Às vezes eles aguardam apenas uma pessoa chegar e já puxam na memória um fato que lhes marcaram na juventude.

Após ouvir tantos relatos, tantas memórias, alguns poderiam ficar anônimos, suas histórias poderiam perder-se com o tempo, porém, estão sendo dispersadas como uma florzinha que desprende do “pedúnculo” e viaja com o vento. Os mais velhos estão com essa missão, fazendo um processo de revisitação do passado, tentando ligar sua forma de viver de quarenta, cinquenta anos passados. Quanto aprendido podemos tirar dessas vivências!

Na manhã seguinte, já acordei ansioso para ouvir a próxima história. Mamãe quer que eu vá na marcenaria de seu Zé Traíra arrumar a preguiçosa que precisa ser trocada uma tábua. Preguiçosa é uma cadeira de madeira dobrável, um engenho interessante que carpinteiros inventaram.

A família de seu Zé foi a responsável pelos trabalhos com madeira, desde a antiga Conceição, ele e os irmãos aprenderam o ofício com o pai, José do Norte. Qualquer móvel que alguém encomendasse, com arte, ele fazia.

Ao aproximar-me da carpintaria, já ouvi o barulho das máquinas a todo vapor. Seu Zé está trabalhando, deduzi. Olho pra frente e vejo todo tipo de madeira, em todos os cortes, escoradas no velho cajueiro que dá sombra à porta. Assim que ele terminou já me perguntou qual seria o serviço que era para ser feito com a preguiçosa.

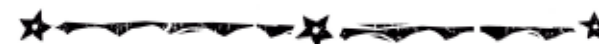
Mostrei-lhe o móvel com a peça de madeira quebrada e que seria necessário trocá-la. Atenciosamente, ele já foi procurando a peça que seria usada. Ofereceu-me um copo com água e uma cadeira. O serviço não demoraria. Raspava de um lado, cortava de outro, media, encaixava, marcava, cortava novamente. O pedaço de madeira ia ganhando forma nas mãos desse artesão. Enquanto ele fazia a obra, perguntei se ele lembrava de alguma história de quando era criança. Respondeu-me que lembrava de várias, então pedi para que contasse.

Ele se emocionou ao lembrar de sua infância, como um remanescente do antigo vilarejo submerso pelas águas do Orós, encheu-se de saudade. Seu Zé tinha apenas cinco anos quando ele e sua família foram expulsos pelas águas. Quando chegaram aqui, viviam do trabalho herdado pelos antepassados ou do que achavam e caçavam. Assim que o dia amanhecia, ele e seus irmãos iam à mata caçar. Encontravam várias frutinhas nativas: jaramataia, pitomba, ameixa, e tinha também umari, só que esse último, para comer, primeiro era preciso cozinhar durante um dia. Feijão, arroz, era só quando tinha. “Foi uma infância sofrida, mas muito feliz”.

Terminada a história, a preguiçosa já estava pronta. Voltei pra casa com os olhos cheios d’água. - Mamãe, ainda bem que temos o que comer!



NOS RECANTOS DAS MEMÓRIAS,
FORAM ENCONTRADAS ESSAS HISTÓRIAS,
DA VOZ DO VELHO AO OUVIDO DO NOVO
QUANTA HISTÓRIA TEM ESTE POVO!



A MISTERIOSA MUDA DE MANJERICÃO

(Cidade de Piquet Carneiro)

Ouvimos esta história da boca de Dona Maria Jocileide. Assim nos contou:

Durante muito tempo, minha amiga Eva e eu costumávamos ir ao cemitério antes do dia de finados para pintar as grades das covas que estavam com ferrugem, pintávamos todas. Certo dia, ela me deixou sozinha e voltou à rua para comprar tinta, pois nessa ocasião havia muitas grades desgastadas e com necessidade de pintura.

Olhe, não sei bem o que aconteceu, o que lembro é que minha amiga desistiu da jornada que fazíamos juntas e tive que dar continuidade sozinha. Observei que a grade da sepultura do meu tio José estava pintada, talvez outra pessoa tenha se encarregado da pintura e esquecido de me avisar, enfim, passei para a da sepultura do meu pai, depois a do meu tio Raimundo.

Por volta das dez horas, já estava terminando de pintar a grade da cova deles, quando avistei um pezinho de manjeriço. Como tenho muito apreço por essa importante erva medicinal, não resisti, tirei uma mudinha e levei comigo. Chegando em casa, coloquei a plantinha em um pote daqueles de margarina e guardei em cima de uma prateleira que havia na área de serviço. Todas as manhãs, quando acordava, encontrava o pendão do manjeriço no chão, esse episódio se repetiu dia após dia, porém, nunca me toquei de que pudesse haver uma relação com o fato de a planta ter sido retirada do cemitério, a verdade é que essa coisa de encontrar o pendão no chão se repetiu muitas vezes.

Ocorreu que, certa noite, fui dormir e, na madrugada, acordei sentindo algo estranho, contudo voltei a pegar no sono. Ao adormecer, tive um sonho muito real, em que um senhor chegava



perto da minha rede e falava comigo, não me pareceu alguém conhecido. Na minha memória ainda é muito viva a lembrança da voz daquele homem dizendo assim: - Vá deixar de volta o manjeriço que você roubou no cemitério.

No sonho mesmo eu respondia:

— Eu não roubei nada, eu queria apenas uma muda para plantar.

Nessa brincadeira, dormi de novo. Isso foi há muito tempo, mas ainda hoje me pergunto: - o que é que eu fiz com essa muda de manjeriço?

A verdade é que não sei o paradeiro, se plantei não lembro, no meu quintal não há nenhum pé do manjeriço. Será que alguém levou de volta pro cemitério?



NOS RECANTOS DA MEMÓRIA,
FOI ENCONTRADA ESSA HISTÓRIA,
QUE ENVOLVE MEDO, SONHO E MISTÉRIO,
POR CONTA DE UMA ERVA NASCIDA NO CEMITÉRIO.



O CANGACEIRO QUE FUGIU DA MORTE

(Mais uma história da cidade de Piquet Carneiro)

Ouvimos esta história da boca de Seu Antônio Sales Ferreira.

Assim nos contou:

Joaquim Ferreira é meu pai, mais conhecido como Zuca Ferreira. Nasceu na Paraíba, e seus pais morreram muito cedo, quando ainda tinha uns vinte e poucos anos. Papai era o irmão mais velho da família, e seu sonho era entrar para o cangaço.

Na década de trinta, finalmente ele conseguiu realizar esse sonho, mesmo sabendo que sua família era contra. Quando virou cangaceiro, foi na mesma época em que Getúlio Vargas também assumiu a presidência e, tanto pelejou, que deu fim ao cangaço através de uma lei que banuiu todo e qualquer cangaceiro que existisse na face da terra. Perseguiram todos, foi muita luta até o líder Lampião ser morto, deixando o grupo “desbandado” e os integrantes perseguidos pela polícia.

O bando que meu pai fazia parte estava em oito pessoas foragidas. Nessa fuga, ele foi parar em Mossoró, chegando lá, soube que estavam recrutando policiamento, foi quando decidiu se apresentar no quartel. Ele era um homem forte, atraente, com quase dois metros de altura. Depois de entrar para polícia, seu nome de guerra era Joaquim Ferreira.

Nesse mesmo tempo, na cidade de Mossoró, havia um sujeito que quando bebia ficava muito valente, de tal forma que até a polícia tinha receio de pegá-lo. Certo dia, o homem estava embriagado em um boteco quando a polícia foi avisada. Meu pai, de prontidão, pegou a arma e saiu sozinho para prendê-lo. Chegando lá, rendeu o cidadão e o levou para delegacia. Os soldados ficaram abismados com tamanha valentia. Pouco tempo após seu ingresso na polícia, por sua bravura, recebeu a promoção de soldado para cabo.

Tempos depois, alguns soldados descobriram que papai era um ex-cangaceiro, e como um deles tinha uma certa inveja do sucesso de meu pai, pois estava há mais tempo no destacamento policial, e ainda não havia recebido nenhuma promoção, ao descobrir o passado de papai, e junto com outros invejosos, tramaram, na surdina, sua prisão e morte. Porém, no destacamento também havia um soldado que, além de amigo, tinha consideração e respeito por papai, e foi quem tratou de avisá-lo do que estava sendo planejado contra ele. Ao saber que seria perseguido, preso e levado para o presídio da capital do Rio Grande do Norte, onde certamente o matariam, papai agradeceu ao amigo e, nesse mesmo dia, fugiu sem rumo pela mata, vindo parar no distrito de Jirau, pertencente à cidade de Senador Pompeu. O ano era 1942.

Depois da fuga, esbarrou na comunidade de Bom Sucesso, onde conheceu Ana Constância, minha mãe. Ambos encantaram-se um pelo outro e assim começou o namoro, há quem diga que até as pedras do caminho tinham inveja do amor que nascia entre os dois corações. Resultado dessa história, eles se casaram e sua prosperidade resultou em três filhos, um deles vos conta neste momento esse acontecido, sobre a coragem de um cangaceiro que fugiu da morte.



NOS RECANTOS DA MEMÓRIA,
FOI ENCONTRADA ESSA HISTÓRIA,
QUE ENVOLVE VALENTIA, TRAIÇÃO E DOR,
MAS TERMINA COM O ENCONTRO DE UM AMOR.



O CASO DO PÉ DE PIÃO

(Mais uma história da cidade de Piquet Carneiro)

Ouvimos esta história da boca de Dona Francisca Lucineide.

Assim nos contou:

Quando era jovem gostava muito de ir a festas. Certa vez, eu tinha aproximadamente vinte anos, lembro-me de ter ido a uma festa com algumas amigas e, ao terminar, voltamos para casa a pé, como era costume. No caminho, estávamos com medo de encontrar alguém bêbado, nós tínhamos medo de tudo. Mesmo já sendo todas medrosas, algumas ainda faziam mais medo às outras, apesar disso, eu sempre me fazia de corajosa.

No caminho de retorno para as nossas casas havia um curral de gado, e se tem uma coisa que morro de medo é de gado, principalmente de boi. Necessariamente tínhamos que passar por trás desse curral para alcançarmos uma vereda, e só assim diminuir o caminho. Nesse percurso havia um pé de pião, e quando nos aproximamos do curral, a planta começou a se balançar. Uma das minhas amigas gritou: - Tem um homem acolá, ao lado do curral!

Eu que já estava com um pedaço de madeira e uma pedra na mão, primeiro arremessei a pedra. Quando eu joguei com força, o pé de pião se balançou muito forte, fazendo um barulho assustador. Nessa hora, minhas amigas correram, e sabe o que eu fiz!? Eu não corri, também não tinha como correr porque quando estou com medo fico paralisada. Nessa hora, fui movida por uma coragem desconhecida, peguei o pedaço de madeira que tinha na mão e “abaiquei” nesse pé de pião. Mande o pau no pé de pião que se balançava, e quanto mais ele se balançava, mais eu batia nele.

Quando parei para observar, minha gente, as galhas já estavam todas no chão, só aí lembrei de acender a luz do celular, daquelas lanterninhas sabe? Naquela época só tinha aquele tipo, o que sei é que quando alumiei, vi que o pé de pião estava totalmente desfolhado. Chamei as meninas, e quando elas voltaram, achamos graça de nós mesmas, rimos tanto que choramos. Ao chegarmos em casa, ficamos ainda um tempo na calçada lembrando e rindo da presepada que havíamos acabado de fazer.

Esse episódio que acabo de contar é corriqueiro, pois sempre que a gente saía juntas, eu tinha que fazer alguma “munganga” para rirmos de qualquer jeito, seja lá por qual motivo fosse, mas tinha que acontecer uma comédia, a desse dia foi lutar contra um pé de pião como se ele fosse tivesse nos ameaçando.



NOS RECANTOS DA MEMÓRIA,
FOI ENCONTRADA ESSA HISTÓRIA,
QUE ENVOLVE MEDO E UM PÉ DE PIÃO,
MAS TERMINA COM MUITA DIVERSÃO.



A GAROTA MISTERIOSA

(Cidade de Quixadá)

Para Dona Maria, funcionária pública e cozinheira aposentada, moradora do bairro Putiú em Quixadá, no Sertão do Ceará, todas as histórias ouvidas ao longo da vida permanecem vivas em sua lembrança. Recontá-las é reviver um pouco da infância, e da adolescência vivida junto à família e amigos. Aos 80 anos, ela conserva boas recordações, e também fatos misteriosos que a interrogam até os dias de hoje.

Essa maravilhosa contadora de histórias mora no mesmo lugar desde que nasceu, brincou e cresceu rodeada de uma vizinhança permanente, eram sempre as mesmas pessoas que habitavam o bairro, ela amanhecia e anoitecia vendo “as mesmas caras”. Era assim que vivia, ouvia, recontava histórias, e seguia crescendo nesse ambiente narrativo.

Dona Maria relata que foi uma jovem pacata, não gostava de sair de casa, quase não namorou, e praticamente casou com o primeiro namorado, que arranjou ali mesmo no bairro. Nos primeiros anos do casamento, viviam bem e tiveram cinco filhos. Mas, aos poucos, viu sua rotina mudar e o desgaste do dia a dia adentrar na relação com o marido. Ele era músico, quase sempre caía na bebedeira após as festividades, quando chegava em casa depois do trabalho, geralmente, estava alcoolizado e apresentava grosseria, xingamentos e maus tratos com a esposa.

Mesmo trazendo esses relatos de sua vida no início da partilha de histórias conosco, Dona Maria preferiu nos contar outra diferente, bem arrepiante, testemunhada entre idas e vindas das casas dos parentes que moravam próximos, em que algo inusitado despertou a sua curiosidade.

Muitos anos depois de casada, quando já era avó, o irmão de Dona Maria pediu que ela fosse até a sua casa para dar uma olhada se tudo estava em ordem. Ele morava sozinho e tinha receio que alguém entrasse durante sua ausência e mexesse em seus pertences.

Muito prestativa e cuidadosa com os membros da família, ela atendeu prontamente ao pedido, abriu a porta, olhou cuidadosamente todos os cômodos, e aproveitou para banhar, ali mesmo, a neta que a acompanhou. Também, organizou algumas coisas na cozinha. No meio dos afazeres, avistou uma garotinha sentada no cantinho do sofá na sala. Era uma menina que parecia ter por volta de oito anos, cabelos curtos, muito linda, mas tinha o olhar triste, essa menina não falava e nem respondia ao ser questionada, só observava tudo muito atenta.

Dona Maria começou a se questionar de quem seria aquela criança e de que forma havia entrado ali, já que nunca a tinha visto pelo bairro. Resolveu perguntar se sua neta a conhecia, e essa imediatamente informou que não estava vendo menina alguma, ou seja, só Dona Maria conseguia vê-la. A neta perguntou se a avó não estava ficando louca, pois não via a tal amiguinha que ela afirmava estar sentada na sala.

Dona Maria ficou muito impressionada com esse episódio, contou para algumas pessoas e essa conversa se espalhou. O mais curioso é que outras vizinhas também afirmavam ter visto essa mesma garota pela redondeza. Uma hora ela foi vista passando de uma casa para outra, em outras brincando na rua, sentada na calçada com uma boneca, tem até quem a viu pedindo ajuda, como se tivesse fugindo de algo.

Ao partilhar essa experiência conosco, Dona Maria passou a justificar o fato como verídico através de outras histórias semelhantes, e que passaram a ser narradas após o aparecimento da tal garota. É assim que uma história puxa outra e as narrativas começam a ganhar corpo, sendo usadas para esclarecer algo inusitado e até assustador.

Segundo Dona Maria, em outra história que aconteceu há muitos anos, antes mesmo do seu nascimento, pode explicar a aparição da menina. Essa ela não viveu, só ouviu, assim nos contou:

Existia naquele lugar uma rixa entre duas famílias, contavam que tudo se deu por conta de um namoro, nem se sabe se é mesma essa a razão da intriga. O chefe de uma das famílias era policial, sendo habitual usar a farda e o autoritarismo para amedrontar e ameaçar a outra família.



Tudo piorou quando um dos filhos desse policial apedrejou a casa da família rival, deixando o clima ainda pior, pois quando a dona da casa viu, xingou o rapaz com muitos palavrões.

Ao chegar em casa, o jovem xingado contou para a mãe e esta imediatamente relatou ao marido sobre as ofensas destinadas ao filho, alimentando mais ainda o ódio do homem que, ao voltar da delegacia onde trabalhava, nem chegou a tirar a farda e a arma da cintura, foi às pressas tomar satisfação das agressões sofridas pelo filho.

Sem pedir licença, entrou e encontrou a senhora dando banho na filha pequena. Questionou os xingamentos e, sem ouvi-la direito sobre os rebates da agressão, puxou a arma e atirou aleatoriamente. A bala atingiu a mulher de raspão, mas acertou diretamente a criança, que faleceu ao ser socorrida, a caminho da cidade de Fortaleza.

Essa foi a explicação que Dona Maria e outros moradores encontraram para o aparecimento da garota misteriosa. Segundo ela, a menina ainda habita aquele espaço, vive perdida à procura da família, nem sequer tem consciência que morreu.

Dizem que o mistério continua, e que vez por outra ela visita os moradores da Rua Arraial Zezé, no Bairro Putiú, comumente aparece sentada, também brinca com as outras crianças, passeia na rua, entra e sai das casas. O relato de Dona Maria termina com uma forte exclamação:

— Chega a dar arrepio!



NOS RECANTOS DA MEMÓRIA
FORAM ENCONTRADAS ESSAS HISTÓRIAS,
SOBRE UM CASO DE ASSOMBRAÇÃO
E UMA EM OUTRA, A EXPLICAÇÃO.



O BODEGUEIRO FOFOQUEIRO

(Mais uma história da cidade de Quixadá)

Cada história permeia cenários incríveis. No rumo da escuta, nossa busca de hoje foi na localidade de Cipó dos Anjos, distrito pacato da cidade de Quixadá no Ceará, lugar de grandes heranças culturais, povo historicamente conhecido pelas belíssimas narrativas orais.

Em uma casa de alpendre, arquitetura típica da região, pátio limpo e uma vista privilegiada da natureza, com uma árvore frondosa sombreando a entrada, em que parte dos parapeitos nos acolhia para mais uma partilha de histórias. Dessa vez, com o Senhor Chiquinho Inácio Neto, filho de um antigo coronel rico da região, famoso pelos seus romances com as moças formosas daquele lugar, fato que, segundo o enfático narrador, causava grande desgosto para a senhora sua mãe.

Entre nossa chegada e a acolhida aconchegante do Senhor Chiquinho Inácio, muitas risadas surgiram a partir dos comentários feitos a respeito da sua vivência naquela região. Ele nos contou vários causos e contratempos da época da infância e da adolescência junto ao avô e o pai, que atendia pelo nome de Cosmo. Suas histórias contemplaram a vida com o gado, as vendas periódicas das vacas, o vai e vem para as fazendas dos amigos vizinhos, narrativas emocionantes e sempre cobertas de aventuras.

Como toda família tem umas histórias instigantes e curiosas, as que nos foram contadas pelo Senhor Chiquinho Inácio despertaram risos, mas o percurso traçado até o desfecho, também causou ansiedade entre os ouvintes.

Morando há muitos anos naquela localidade, o narrador enfatizou que todos conheciam a todos, e qualquer acontecimento rapidamente caía na boca do povo, inclusive os namoros fora do casamento.

Naquela época, anos 60, a aposentadoria era destinada a poucos, e, para alguns, a sobrevivência vinha da produção da terra, do gado, do leite e outros recursos da vida no campo. Para fazer a feira,

se vendia uma rês de gado, algumas galinhas do galinheiro, uma cabra do chiqueiro e, assim, na bodega do Senhor Bento do Gado, um velho amigo da família do Senhor Cosmo e pai do Chiquinho Inácio, eram adquiridos os outros mantimentos que não dispunham na natureza.

Em uma dessas aquisições de mercadoria na dita bodega, Dona Ecira, mãe do narrador, ao vê-la adentar no recinto, Bento do Gado fez questão de contar a novidade e “soltou a língua”, como dizia o povo da região ao se referirem aos casos de fofoca. A mulher ficou curiosa e instigando o rumo dessa história.

Motivado, Bento do Gado “rasgou o verbo” e contou sobre o romance do seu marido com uma donzela que morava na rua da Pedra.

— Está comendo o pobre velho pelo pé. Informou enfaticamente o fofoqueiro, se referindo ao fato de que toda renda da venda do gado que o homem apurava, entregava à amante, além de fazer a feira na bodega da esquina para alimentar a família dela.

Dona Ecira pegou o rumo de casa muito brava, “*fumando numa quenga*”. Ao chegar, tratou logo de alarmar a falta de vergonha do marido, contou tudo o que ouviu aos filhos, e afirmou:

— Isso não vai ficar assim, o que é dele está guardado!

Os dias foram passando e o ocorrido não saía da cabeça da mulher traída, que astutamente bolou um plano. Das cabeças de gado que possuía, vendeu duas vacas, chamou Chiquinho Inácio e impôs que o filho fizesse parte do seu plano, que seria executar a amante do marido.

Estava tudo esquematizado, inclusive ela escolheu Chiquinho porque era o mais robusto dos filhos, além de destemido, e gostar de andar à noite, certamente daria conta do serviço. Argumentou suas razões de escolha e já passou a explicar todo plano ao filho.

Bento do Gado, o língua solta e causador da discórdia entre o casal, tinha um filho e um genro que eram oficiais da polícia, e vez por outra apareciam com uma arma para vender aos coronéis, alegando ser para legítima defesa de suas propriedades. Com o apurado que

Dona Ecira obteve com a venda das vacas, fazia parte do plano comprar um revólver do genro do dono da venda e colocar o plano em execução, ou seja, mãe e filho matariam a amante de Cosmo, esposo de Dona Ecira, que argumentava:

Aquela destruidora de lares.

Ao ouvir todo o plano, impactado, Chiquinho Inácio pulou longe e pediu pelo amor de Deus para que a mãe não o fizesse, e que ele não estaria disposto a se tornar um marginal, um assassino. Insistiu que ela largasse essa história para lá, que pais estavam ficando velhos, o melhor seria era colocar juízo em suas cabeças.

Dona Ecira insistia que tinha todas as informações necessárias para chegar até a casa da amante do marido, pois Bento do Gado, o bodegueiro fofoqueiro, não perdeu tempo, passou todo o percurso com riqueza de detalhes, inclusive o horário em que a mulher estaria em casa, de forma a garantir que o crime fosse perfeito e não deixasse rastro.

A surpresa dessa história é que Chiquinho Inácio, aos poucos e com muito poder de convencimento, foi mostrando à mãe o destino de um assassino. Como seria a vida dela na cadeia? Lembrando que o ódio gerado pela fofoca do Bento do Gado poderia terminar em grande tragédia para as duas famílias.

Ao ouvir as palavras do filho, Dona Ecira aquietou o coração, deixou seu plano para trás, agradeceu a Deus pela sabedoria e maturidade do jovem, seguiu em paz com sua família e nunca mais deu ouvidos às fofocas que continuavam soltas na bodega de Bento do Gado.



NOS RECANTOS DA MEMÓRIA
FOI ENCONTRADA ESSAS HISTÓRIA,
DE UMA FOFOCA CONTADA UM CERTO DIA
E CONTORNADA COM MUITA SABEDORIA.





MEMÓRIAS EM RIMA

(Cidade de Quixeramobim)

Antônio Conselheiro

(Natan Feijão)

Narra agora em versos
Uma história de lutas
De batalhas e vitórias
De derrotas injustas
Onde o homem brasileiro
Demonstrou ser bem guerreiro
Mas teve a vida curta.
Nasceu em Quixeramobim
Foi criado lá também
Formou-se advogado
Grande defensor do bem
Com a separação
Foi Viver em peregrinação
Dando ao povo o que tem.
De lugares em lugares
Ele chegou na Bahia
Vendo a população sofrendo
Com a dinastia
Pensou logo: minha missão
É a evangelização
Desse povo sem alegria.
Inspirado em sua cidade
Ergueu ali uma igreja

E a melhoria almeja
As coisas ao seu redor
Esperança e fortaleza.
Não era apenas fé
E também a união
Que compunha o tema
Daquela população
Trazendo muitas conquistas
Tendo sempre em suas vistas
A vida em Comunhão
Seus oponentes eram fortes
E armamento pesado
Mas eles tinham a Deus
Sempre ali do seu lado
E de uma infecção
O líder daquela missão
Por Jesus foi convocado
E assim com sua morte
Ficaram desnorteados
Sem saber como lutar
E defender o seu lado
Canudos ficou na mão
E o povo do sertão
Ali foi massacrado
Antônio Mendes Maciel
Chamado de Conselheiro
Pois levava paz e fé
Sendo história em livro
E o conselheiro vivo?
Lembrado no mundo inteiro.

Em 1830 **(Sofia Feijão)**

Nasceu em Quixeramobim
Um menino abençoado
Pelo senhor do Bonfim
Que conduzia consigo
Coração de serafim
O menino ali crescia
Em estatura e humildade
Tudo que ele fazia
Era com honestidade
Tornou-se um grande homem
Na frente da humanidade
Teve a infância corrompida
Pela lei da natureza
Perdeu sua mãe querida
Causando grande tristeza
Mas com a fé que tinha em Deus
Adquiria certeza
Certeza de que um dia
Ia conseguir vencer
Ao se tornar cidadão
Ciente do seu dever
Caminhou pelo sertão
Com desejo de crescer
Caminhando sertão a fora
Sem escolha de destino

Pregando e fazendo o bem
Em nome do pai divino
Acolhia em seus braços
Homem mulher e menino
Seu caminho foi bem longo
E sempre hospitaleiro
Fez tamanha multidão
Tornar-se seus companheiros
Por sua luta e bondade
Foi chamado Conselheiro
Sua luta e sua história
Cresceu e se espalhou
Chegando lá em Bahia
Uma cidade fundou
E de pobres e oprimidos
Seus sonhos realizou
Esse cidadão de bem
Nas lutas teve Vitória
Orgulho ao povo de Quixeramobim
Que relembra sua história
Pra sempre estará vivo
Guardado em nossas memórias.

Vencendo a morte **(Marcia Feijão)**

Estive no hospital
Bem fora do meu sentido
Mas por Deus fui protegido
Me deu a força e moral
Voltei pro meu ideal
Passou aquela loucura
Ai recebi a cura
Que Jesus mandou pra mim
Não realizei meu fim
Mas tive na dependura.
Deixo um abraço apertado
Pra os meus amigos leal
Que dentro do hospital
Permaneceram ao meu lado
Naquele mortal estado
A família entristecida
E a morte enfurecida
Só esperando o despacho
Pra com seus terríveis braços
Tirar minha triste vida
Já tinha um caixão fúnebre
Pronto pra minha embalagem
Pra fazer minha viagem



De casa pro cemitério
Era um problema bem serio
Um momento de saudade
Mas Jesus em sua bondade
Mandou a minha melhora
Não era dia nem hora
Deu ir pra eternidade.
E Jesus naquela hora
Chamou São Miguel Arcanjo
Reuniu todos os anjos
E mandou a marte embora
Vá e siga sem demora
Deixa esse homem em paz
A morte triste demais
Disse com Deus eu não zombo
Botou a foice no ombro
E saiu olhando pra traz.



NOS RECANTOS DA MEMÓRIA
FORAM ENCONTRADAS ESSAS HISTÓRIAS,
DE UM TEMPO REMEMORADO,
TRANSFORMANDO EM TEXTO RIMADO.



O MISTÉRIO DA BURRINHA

(Cidade de Quixeré)

Esta é uma história conhecida como “mal-assombrada”, e foi contada pela Senhora Maria de Levi, ela afirma que a ouviu de seus pais, que ouviram dos pais deles.

Naquela época antiga, seus avós moravam perto da cidade de Quixeré, foi lá que ouviram falar no nome de um senhor muito conhecido que atendia pelo nome de João Siqueira, um carpinteiro afamado em toda a região.

Certa vez, Seu João precisou fazer uma viagem a Fortaleza no sentido de atender a um chamado de trabalho: construir uma peça de madeira que serviria para amassar rapadura. Para conseguir finalizar a construção de tal peça, necessitou fazer a tal viagem. Estava Seu João na residência do homem que solicitou o serviço, e quando concluiu já era bem tarde da noite. A dona da casa, preocupada com a segurança do homem, logo recomendou: - Não vá agora Seu João, já está tarde, é muito perigoso!

Seu apelo logo ganhou reforço na voz do marido. A maior preocupação do casal era pelo fato de saberem que por aquelas bandas contavam que existia a passagem de uma “Burrinha”, e que, provavelmente, naquela data, mais uma vez a assombração passaria pelo local. Depois de muita insistência do casal, Seu João resolveu pernoitar.

Muitos que por ali viviam sabiam da existência da tal “Burrinha”, mas ninguém imaginava quem era a pessoa acometida desse feitiço que assolava algumas famílias desde muito antes. Os mais velhos contam que para evitar tal sina, um casal que possuísse sete filhas, quando a mais nova nascesse, a filha mais velha deveria ser convocada para sua madrinha, caso contrário, a caçula teria o destino de se transformar na criatura quando se tornasse mocinha.



Por coincidência, ou não, o casal que contratara os serviços do Seu João também tinha sete filhas, mas, infelizmente, não sabia que esse apadrinhamento deveria ter sido estabelecido entre a mais nova e a mais velha. Já era altas horas da noite, quando Seu João resolveu dar uma volta pela casa e percebeu que, no aposento da frente onde dormiam todas as filhas do casal, uma das redes estava vazia. No mesmo instante, ele começou a escutar sons que lembravam o badalar de pequenos sinos, que pareciam estar sendo tocados no meio da rua. Imediatamente, o dono da casa se levantou, e afirmou: - Olha aí, compadre, eu não te disse que por aqui era perigoso!

Nesse momento, Seu João se lembrou do feitiço que conhecia desde menino e comentou com o homem que uma de suas filhas não se encontrava em casa. Os dois foram conferir e perceberam que justamente a mais nova havia saído. Foi só nesse momento que o casal descobriu a sina de sua querida filha.

Rapidamente, Seu João, que era conhecedor desses mistérios, revelou que eles deveriam pegar uma peça de roupa da filha mais nova e amassar com o pilão de madeira pura que ele acabara de construir. O casal obedeceu. Pouco tempo depois, a filha mais nova retornou pra casa toda “malamanhada” e muito desorientada. A sorte é que, desde esse dia, o feitiço foi quebrado e ela nunca mais se transformou na Burrinha.



NOS RECANTOS DA MEMÓRIA,
FOI ENCONTRADA ESSA HISTÓRIA,
QUE ENVOLVE MISTÉRIO E ESCURIDÃO,
MAS TERMINA COM BOA SOLUÇÃO.



O COMPRADOR DE CHUVA

(Cidade de Reriutaba)

Dona Núbia é daquelas senhoras que adora contar uma história. Quando sentamos ao lado dela para conversar, o tempo parece criar asas. E foi num fim de tarde que, passando por lá para prosear, fiquei sabendo que sua comunidade natal, antes de ser chamada de Campo Lindo, era conhecida como Riachão. Esta história foi ouvida da sua boca.

Ainda não havia virado o século XIX. Naqueles tempos, a vida por ali era bem diferente de hoje; em anos de seca, tudo piorava, e o camponês se apegava ainda mais à sua fé, aumentando drasticamente a responsabilidade do “Padim Ciço” Romão Batista, um padre conhecido como santo que anda sobre a Terra.

O Ceará sofria com as agruras da seca, nem mesmo a região serrana da Ibiapaba havia se livrado. Habitava por aquelas paragens um rico senhor de engenho, dono de um sítio que se estendia por léguas de distância, criador de gado e de outros animais. Com a estiagem cada vez mais forte, a água passou a ficar ainda mais escassa, a plantação murchou e os animais começaram a morrer de sede e fome.

Assim como ainda hoje, milhares de nordestinos em romaria visitavam Juazeiro do Norte para assistir à missa do Padre Cícero, fazer promessas e agradecer pelas bênçãos alcançadas. O avô de Dona Núbia era um desses. Ela conta que foi ele quem levou um bilhete, enviado pelo tal fazendeiro, tendo como destinatário o Santo Padre. A correspondência, uma espécie de desafio misturado com pedido, afirmava que, se “Padim Ciço” realmente tivesse poder, enviasse à região sedenta três tostões de chuva, pois a seca estava dizimando tudo. Caso não se achasse capaz de realizar tal milagre, que devolvesse o dinheiro.



Até hoje não se sabe como Padim Ciço reagiu àquela ofensa, ou ignorância, pois o bilhete não foi lido em público. No entanto, o Padre mandou de volta, pelo mesmo portador, um recado ao homem, afirmando que não se preocupasse, pois o desejo seria atendido. E mais, um só tostão era o suficiente; sendo assim, estava devolvendo os outros dois. Para assegurar ao comprador de chuva de que ele não seria enganado, o Padre avisou precisamente o dia e a hora em que a água iria cair.

Na data marcada, o ricaço se levantou cedo para olhar o céu, que estava sem uma nuvem sequer. Mas quando se aproximou a hora que “Padim Ciço” indicou, o céu começou a escurecer, e o nascente azular. No momento prometido para a queda da chuva, as nuvens carregadas começaram a despejar água sobre a região. A princípio, nada demais, apenas uma coisa branda. De repente, começou a engrossar, e não demorou para que os borbotões d’água rolassem de serra abaixo, escorrendo pelas estradas, enchendo riachos, rios e açudes. Parecia que o céu tinha se rasgado. O açude do fazendeiro foi o primeiro a arrombar com a enxurrada, que arrasou plantações e arrastou os animais, não escapando nenhuma cabeça de rês ou cabra. Todo o sítio foi destruído. Até moradores que trabalhavam e viviam ali, infelizmente perderam a vida.

O fazendeiro escapou, juntamente com a mulher e os filhos, porque subiu no telhado da humilde casa de um dos moradores. Dizem que “Padim Ciço” preservou a vida dele e dos seus para que testemunhasse todo o ocorrido, e lamentasse por sua falta de fé, de forma a pedir perdão pelas besteiras que havia dito. Além disso, o Padre queria que compreendesse que, por mais rico e poderoso que seja um homem, ele não é nada diante dos poderes divinos.

Essa tragédia inspirou poetas populares e cantadores, que ainda hoje a contam em forma de cordel e canção nas feiras e rodas de violas pelo Nordeste afora. A tromba d’água foi tão intensa, que desceu serra abaixo arrastando tudo que havia pela frente. Até mesmo árvores de grande porte, como mangueiras, carnaúbas e oiticicas

foram arrancadas ou quebradas. Assim, o pequeno riacho, por um momento, se tornou largo e grande, daí a localidade ter recebido o nome Riachão, até ser substituído pelo atual Campo Lindo.

Após a chuva passar e as águas reduzirem sua fúria, as pessoas que escaparam desceram o riacho à procura das vítimas, que foram encontradas presas em galhos à beira do rio, porém sem vida. Logo o povo colocou velas e cruzes onde os corpos foram encontrados, pois é um costume fazer isso como uma forma de homenageá-los.

Segundo Dona Núbia, uma das pessoas que perdeu a vida nessa tragédia merece especial atenção: o Senhor Porfírio. A este, fazem promessas e pedem que obre milagres, o que de fato acontece. Os pedidos são os mais variados. Tãmanha é a força de seus milagres, até hoje, mais de um século depois, a fé nesse homem permanece viva. Dona Núbia, a neta do homem que levou o bilhete afrontoso enviado pelo fazendeiro rico ao “Padim Ciço”, conta que também já fez vários pedidos ao milagreiro, e ele nunca a deixou na mão. Já pensou se o “Padim” tivesse ficado com os três tostões?



NOS RECANTOS DA MEMÓRIA,
FOI ENCONTRADA ESSA HISTÓRIA,
COM O PADRE CÍCERO UMA CONTENDA
DESCOBRE QUE NEM TUDO ESTÁ À VENDA.



BOTIJAS CONSENTIDAS EM SONHO

(Cidade de Várzea Alegre)

Ouvimos estas duas histórias da boca do Seu Jairo de Brito.

Assim nos contou:

Eu fico muito satisfeito com as visitas na minha casa, fico satisfeito demais. Antigamente, contava-se muitas histórias de botijas. Oh! - Fulano de tal sonhou com uma botija. Era um dom consentido por Deus e, independente de idade, todos escutavam com atenção, alguns com medo e curiosidade, outros na esperança e na vontade de ser agraciado com uma delas. Para encontrar era preciso receber a mensagem em sonho, dizem que quem desenterra um tesouro desses salva uma alma, e essa missão é concedida por Deus.

Eu achava bom contar as histórias dos meus avós, José dos Santos e Maria José, outros achavam interessante a conversa de Joaquim Leandro que arrancou uma botija, também achei muito bonita a história que Luiz Holanda foi outro sortudo. Houve muitos casos de pessoas que tiveram o consentimento de Deus e o direito de encontrar o local em que havia uma dessas enterrada.

Cada história era diferente da outra, e quem ouvisse recebia a missão de repassar para os outros que fossem vindo e se aproximando do mundo. Em meio a essas histórias, escutávamos de tudo um pouco, ia ficando gravado na nossa mente, ainda me lembro de muita coisa, até de um verso que dizia assim:

Eu fui pra serra do São Caetano,

fui pra serra buscar coco,

lá eu levei um escorrego e cai por cima dos tocos,

valei-me são Raimundo, valei-me São Caetano, valei-me São José

nunca mais eu vou pra serra buscar coco catolé.



Eu sempre dizia essas histórias ao povo. Eles gostavam tanto que respondiam:

— Muito bem Jairo de Brito.

Eu lembrava toda vez:

— Meu povo, isso aqui é tudo mandado por Deus, esse “anúncio” que eu conto é pra gente saber que Deus existe. Ele existe nos mais velhos que sabem de histórias. Vocês acham que é ou não? – E todos respondiam:

— É sim, é sim.

Uma vez minha Mãe sonhou com uma botija na chapada perto de casa, e aí eu disse:

— Mas Mamãe, pra que a senhora contou? A senhora contando a botija se encanta. Ela respondeu bem paciente:

— Meu filho, é mesmo, ela se encanta.

Minha mãe já era idosa, doente de asma e, depois desse acontecido, ela se mudou para a cidade de Cedro e eu fiquei aqui lutando, trabalhando juntamente com os meus tios que já eram idosos, uns com noventa anos, outros com oitenta, e trabalhando na roça, de fato, os coitadinhos nunca chegaram a casar. Mas minhas tias mulheres casaram todas, eram irmãs de Mamãe.

Eu sempre prestei atenção nas histórias que os mais velhos contavam, aprendendo o que eles aprenderam dos pais deles e dos mais antigos. Quando foi um dia, já faz anos, mais de setenta, chegou um casal do Maranhão, eles se arrancharam aqui perto, tinham uns aparelhos para apresentação e assim ganhar os tostões deles. Para assistir ao programa que apresentavam, a gente pagava dez “tonjes” num chalé que tinha ali onde hoje é a escola.

Esse chalé era de tia Maria dos marinheiros, irmã de tia Josina, de tio Celso, tio Zezinho, tia Neném, irmãos de minha Vó. O pessoal contava as histórias e nós íamos ajudar e assistir aqueles programas que eles preparavam. Quando terminava, íamos ouvir o que os mais velhos contavam. Seu Branco Leandro, marido de tia Josina,

morreu com cento e dois ou foi cento e quatro anos, ele tinha um “sesto”, balançava a cabeça, repetindo um som “iaa iaa iaabaiababa”. Costumava contar que a Mãe dele dizia que tinha uma botija na casa grande, e umas moças da família Leandro sonharam com essa mesma botija nesse mesmo lugar.

Essa tal casa grande contava com uma assoaria bem alta, era forrada e para subir tinha uma escada muito antiga com mais de cem anos, lá o povo também se juntava para contar e ouvir histórias. Ainda hoje a casa grande existe, ninguém anda por lá, mas é um lugar que nos faz lembrar de muitas histórias, muitas lembranças saudosas.

Um dia, elas cavaram pra arrancar essa botija, mas se enganaram e não encontraram o local certo, ainda hoje dizem que lá tem uma, ou são duas, e na chapada de Joaquim da Costa contam que tem outra.

Numa botija tem muitas joias valiosas, tudo de ouro, cordões de fazer três ou quatro voltas no pescoço, brincos, anéis e tudo mais. Eu digo porque já vi com minha vista uma mulher, o nome dela era Tetê, que foi cavar uma cacimba perto do rio e encontrou uma botija. Ela tinha chamado uns homens para ajudar e ninguém foi, pois começou a cavar sozinha e, de repente, encontrou um bolão, quando viu era o colar mais lindo do mundo, e cheio de alianças da grossura de um dedo.

Quando a mulher mostrou o cordão de ouro, o povo se assanhou e correu para o rio em busca da botija, foi aquele alvoroço. Eu não fui, pois se um dia Deus me consentir uma botija em sonho, eu arranco, do contrário, fico no meu canto. Tetê vendeu o colar, “se o espírito num me engana e a verdade não me mente” foi Zé Marcela quem comprou. Com o dinheiro, ela adquiriu uma casa, um bocado de vacas e foi cuidar da vida.

Depois desse fato, mais botijas foram consentidas em sonho para outras pessoas, é verdade mesmo! Querumbina também arrancou uma, meu tio sonhou com outra, mas esse nunca teve coragem de arrancar, nem ficou rico e nem casou.

VALENTIA NÃO É BOM



Houve um tempo aqui que aconteceu uma luta pesada, muita gente morreu. O povo gostava de festa e, em uma dessas ocasiões, teve um caso muito triste, a vítima foi meu pai. Um homem que não gostava dele fez uma viagem, e lá peitou um cabra para vir acabar com a vida dele. Era de tarde quando tudo começou. Estávamos em uma festa, todo mundo reunido, aquela cantoria, quando, de repente, esse cabra começou a falar bem alto, ofendendo o povo da comunidade. Ele dizia:

— Aqui não tem homem, e os homens que têm são tudo sem vergonha, mentiroso e covarde, é um bando de cabra sem futuro.

Aí meu pai ficou brabo, foi pra cima desse cabra e começou uma luta pesada. Minha gente, a luta foi tão grande que começou três horas da tarde e entrou pela noite. Era um correndo atrás do outro, o povo alvoroçado, até que eles se encontraram e a briga foi feia, terminou em tragédia, era uma briga de faca, papai furou ele e ele furou papai.

Trouxeram meu pai para o hospital às pressas, mas não teve jeito, ele faleceu lá mesmo. O médico disse que se ele tivesse ficado quieto, não tivesse mexido no ferimento, tinha vivido. A raiva de papai era tão grande que ele não se aquietou um minuto e começou a mexer no ferimento, o quadro se agravou de um jeito que não teve mais jeito.

Foi muito triste! Depois esse cabra fugiu e nós da família “ficamos” tudo com medo dele vir querer fazer mais ruindade com a nossa gente, graças a Deus, ele nunca mais apareceu. Eu mesmo não fiquei com medo. Mamãe e os outros ficaram. Eu sei que a valentia não é bom, bom mesmo é conversar e ouvir histórias que faz a gente pensar na vida e o rumo que a gente pode dar nela.



NOS RECANTOS DA MEMÓRIA

FORAM ENCONTRADAS ESSAS DUAS HISTÓRIAS,

SOBRE BOTIJAS EM SONHO CONSENTIDAS

E UM VASTO ENTRELAÇAR DE VIDAS.



Referências Bibliográficas:

BENJAMIN, W. **O narrador**: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 2015.

BEZERRA, T. **Sete histórias à sombra do cajueiro: tradição oral e participação de jovens na mediação intercultural comunitária**. Dissertação (Mestrado em Educação) — Área de Especialização em Educação Intercultural, Universidade de Lisboa, Instituto de Educação, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/49328>. Acesso em 27 de agosto de 2024.

CASCUDO, L. C. **Literatura oral no Brasil**. São Paulo: Editora Global, 2012.

FREIRE, Madalena e col. **Observação – Registro – Reflexão**. Instrumentos Metodológicos I. Série Seminários. São Paulo: Publicações do Espaço Pedagógico, 1996.

FREIRE, P. **Política e educação: ensaios**. São Paulo: Cortez, 1995.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. 39. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2002.

HAMPÂTÉ BÂ, A. **A Tradição Viva**. In Ki-Zerbo. J. História geral da África I: Metodologia e pré-história da África (pp 167 -212). Brasília: Unesco, 2010. Disponível em: < <http://unesdoc.unesco.org/images/0019/001902/190249por.pdf>> Acessado em: 29 de agosto de 2024.

LOPEZ, I. **Tecnologia Social da Memória: para comunidades, movimentos sociais e instituições registrarem suas histórias**. São Paulo: Museu da Pessoa/Fundação Banco do Brasil, 2009.

MACHADO, R. **A arte da palavra e da escuta**. São Paulo: Editora Reviravolta, 2015.

